

O Vocabulário Tupinambá do *Arcano del mare* de Sir Robert Dudley (1661)¹

Tupinambá Vocabulary of *Arcano del Mare*
by Sir Robert Dudley (1661)

Nelson Papavero²

Ruth Maria Fonini Monserrat³

Resumo

Sir Robert Dudley (7 de agosto de 1574 – 6 de setembro de 1649) era filho ilegítimo de Robert Dudley, 1º. Conde de Leicester. Em 1594 fez uma expedição a Trinidad e Porto Rico, para apresiar navios espanhóis, da qual publicou um relato; compilou um vocabulário de Arawak com 69 palavras ou frases curtas. Abandonou a Inglaterra definitivamente em 1605, ficando a serviço de Fernando I (Medici), Grão-Duque da Toscana (e posteriormente também a serviço de Fernando II). Trabalhou como engenheiro e cartógrafo. Em 1608, convenceu Fernando I a enviar o navio corsário *Santa Lucia Buonaventura* à Guiana e ao Norte do Brasil. Para fazer essa expedição, indicou William Davies, Cirurgião-Barbeiro de Londres, que posteriormente (1614) escreveria suas memórias, incluindo suas experiências na boca do Amazonas (estas aqui transcritas e traduzidas) – o primeiro relato conhecido sobre a Amazônia do século XVII. A obra mais importante de Dudley foi o *Dell'Arcano del Mare (Sobre o segredo do mar)* (1646-1648, em quatro volumes). Esse impressionante e minucioso tratado de astronomia, navegação, construção naval e cartografia inclui 130 mapas, todos de sua própria criação e não copiados de outras fontes, como era costumeiro na época; reúne todos os conhecimentos náuticos desse tempo. Os mapas das costas do Brasil (aqui reproduzidos) são notavelmente detalhados e mostram os nomes das tribos indígenas. Doze anos após sua morte foi publicada a segunda edição de sua obra magna (Dudley, 1661), agora em dois volumes. Houve um grande rearranjo do texto, com a inclusão de muitas adições, ao que se diz coligidas de manuscritos deixados pelo autor. Nessa edição, no segundo volume, encontra-se um pequeno vocabulário da língua Tupinambá, com 136 vocábulos ou frases curtas, retirados sem um critério aparente da obra de Jean de Léry (1578, 1594), aqui apresentado facsimilarmente, transcrito, corrigido e traduzido.

Palavras-chave: Sir Robert Dudley. *Arcano del Mare* (1661). Vocabulário Tupinambá. Jean de Léry. William Davies. Relato sobre a foz do Amazonas (1614).

¹ À saudosa memória do Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues, mestre e queridíssimo amigo de muitos anos.

² Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. Bolsista de Produtividade Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

³ Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

Abstract

Sir Robert Dudley (August 7, 1574 – September 6, 1649) was an illegitimate son of Robert Dudley, First Count of Leicester. In 1594 he undertook an expedition to Trinidad and Puerto Rico, to capture Spanish ships, publishing a report about it, where he presented an Arawak vocabulary with 69 words or short sentences. Abandoning England definitely in 1605, he entered into the service of Ferdinando I (Medici), the Great-Duke of Tuscany (and afterwards also into the service of Ferdinando II). He worked as an engineer and cartographer. In 1608 he convinced Ferdinand I to send the pirate ship *Santa Lucia Buonaventura* to Guyana and northern Brazil. As head of that expedition he indicated William Davies, Barber-Surgeon of London, who would later (1614) publish his memoirs, including his experiences at the mouth of the Amazon River (here transcribed and translated) – the first report on the Amazons known in the 17th century. Dudley's most important work, however, was *Dell'Arcano del Mare (On the secret of the sea)* (1646-1648, in four volumes). This impressive and detailed treatise about astronomy, navigation, naval construction and cartography included 130 maps, all newly made by him and not copied from other sources, as was usual at that time, summing up all the nautical knowledge of the age. The maps of the Brazilian coast (herein reproduced) are remarkably detailed, showing the names of numerous Indian tribes. Twelve years after his death the second edition of his *magum opus* was published (Dudley, 1661), now with two volumes. A considerable rearrangement of the text was made, with the inclusion of many additions, apparently obtained from manuscripts left by the author. In this edition, in the second volume, a small vocabulary in the Tupinambá language may be found, with 136 words or short sentences, extracted, without any apparent criterion, from Jean de Léry's works (1578, 1594) – the vocabulary is here facsimilarly presented, transcribed, corrected and translated.

Keywords: Sir Robert Dudley. *Arcano del Mare* (1661). Tupinambá vocabulary. Jean de Léry. William Davies. Report on the Amazon River (1614).

Robert Dudley, 1º. Conde de Leicester (cf. Role 2003; Wilson 1981) (Figura 1) teve um filho, também chamado Robert (Figura 2), com sua amante Lady Douglas Sheffield, filha de Wiliam Howard, 1º. Barão Howard of Effingham. Robert foi criado na casa de seu pai e na de amigos de seu pai e tinha licença de visitar sua mãe sempre que quisesse (Adams 2008a, 2008b). Lady Sheffield acabou casando-se com Sir Edward Stafford em novembro de 1579, indo com ele para o continente europeu. Dudley teve uma excelente educação e foi matriculado no Christ Church, em Oxford, em 1587, com o estatuto de *filius comitis*, ou seja, filho de conde.

Em 1588, quando a Inglaterra era ameaçada pela Armada espanhola, Robert, então com 14 anos, juntou-se a seu pai, que comandava um exército em Camp Tilbury, preparando-se para resistir à invasão dos espanhóis.

O Conde de Leicester veio a falecer a 4 de setembro de 1588 (Warner 1899: viii), deixando para seu filho Robert uma grande herança, que incluía o castelo e as terras de Kenilworth. Com a morte de um tio, Ambrose Dudley, 3º. Conde de Warwick, Robert herdaria também os domínios (*lordships*) de Denbigh e Chirk (Wilson 1981: 336-337).

Figura 1 - Robert Leischester, 1º. Conde de Leicester



Figura 2 - Sir Robert Dudley, Duque da Nortúmbria e Conde de Warwick



Em 1591 Dudley quis casar-se com Frances Vavasour, para isto contando com a autorização da rainha Elisabete I. Frances, entretanto, pediu a Dudley que esperasse até que ele fosse um pouco mais velho. Entrementes, ela casou-se secretamente com Sir Thomas Shirley, no fim desse ano, sem a licença da soberana inglesa, sendo por essa razão banida da corte. Dudley, então com 17 anos, esposou, também secretamente, Margareth, filha de Sir Thomas Cavendish, sendo por sua vez também expulso da corte pela rainha, mas essa expulsão durou apenas poucos dias.

Em 1594 Dudley reuniu uma frota de navios, sendo a nau capitânia o galeão *Beare*, mais o navio *Beare's Whelp* e as pinaças *Earwig* e *Frisking*. Pretendia com eles assaltar naves espanholas no Atlântico. A rainha não aprovou seu plano, devido a sua pouca idade e pelo custo dos navios. Ordenou-o então que se dirigisse para a Guiana. Dudley recrutou 275 marinheiros veteranos, incluindo o navegador Abraham Kendal e os capitães Thomas Jobson e Benjamin Wood. A frota de Dudley zarpu a 6 de novembro de 1594 para as Índias Ocidentais (cf. relatos da viagem em Dudley (1904) e Warner (1899)), mas uma súbita tempestade separou os navios e levou-os a diferentes portos. Dudley enviou mensagem ao capitão do *Beare's Whelp* para encontrá-lo nas Canárias. A má sorte continuou a persegui-los – o *Earwig* afundou. Em dezembro a expedição conseguiu capturar dois navios espanhóis em Tenerife. Dudley rebatizou-os como *Intent* e *Regard*, equipou-os com membros de sua própria tripulação e colocou o Capitão Woods em seu comando. Não tendo mais conseguido encontrar o *Beare's Whelp*, dirigiu-se a Trinidad (Figura 3), ancorando na Baía de Cedros em 31 de janeiro de 1595. Ali descobriu uma ilha, que tomou em nome da coroa inglesa, chamando-a *Dudleiana*. Zarpou depois para a baía de Paracoa para fazer reparos em suas naves e fez um reconhecimento de San José de Oruna (“S. Gioseppe” no mapa de Dudley (1661: 202), cf. Figura 3), mas decidiu não conduzir um ataque. Dividiu suas forças, enviando o *Intent* e o *Regard* para o norte. Em Trinidad recrutou um índio que falava espanhol e que prometeu acompanhá-lo em uma expedição a minas de ouro situadas no rio Orenoco. O guia desertou-o e Dudley regressou a Trinidad. Durante sua permanência nessa ilha, Dudley compilou uma lista de 69 palavras (com umas poucas frases curtas) em Arawak (tribo que ele designou pelo nome de *Simerones*) (cf. Dudley, 1661: 35-36 (em italiano, sob o subtítulo: *Seguono alcune parole della lingua Indiana di Guiana, / e dell'Isola della Trinidad, osseruate dall'Autore istesso, / quando fu quelle parti nel 1595*) (Figuras 4-5); 1904: 211-212, em inglês (Figuras 6-7)). Essa lista foi reeditada por Penard (1928: 168-270), comparando os nomes nela constantes com o Arawak moderno do Suriname.

Em 12 de março de 1595 (poucos dias antes da chegada a Trinidad de Sir Walter Raleigh, à procura de Manoa ou Eldorado) a frota de Dudley dirigiu-se para o norte, onde capturou um navio mercante espanhol. Velejou depois até o

Figura 4 - Vocabulário Arawak (Dudley, 1661: 33)

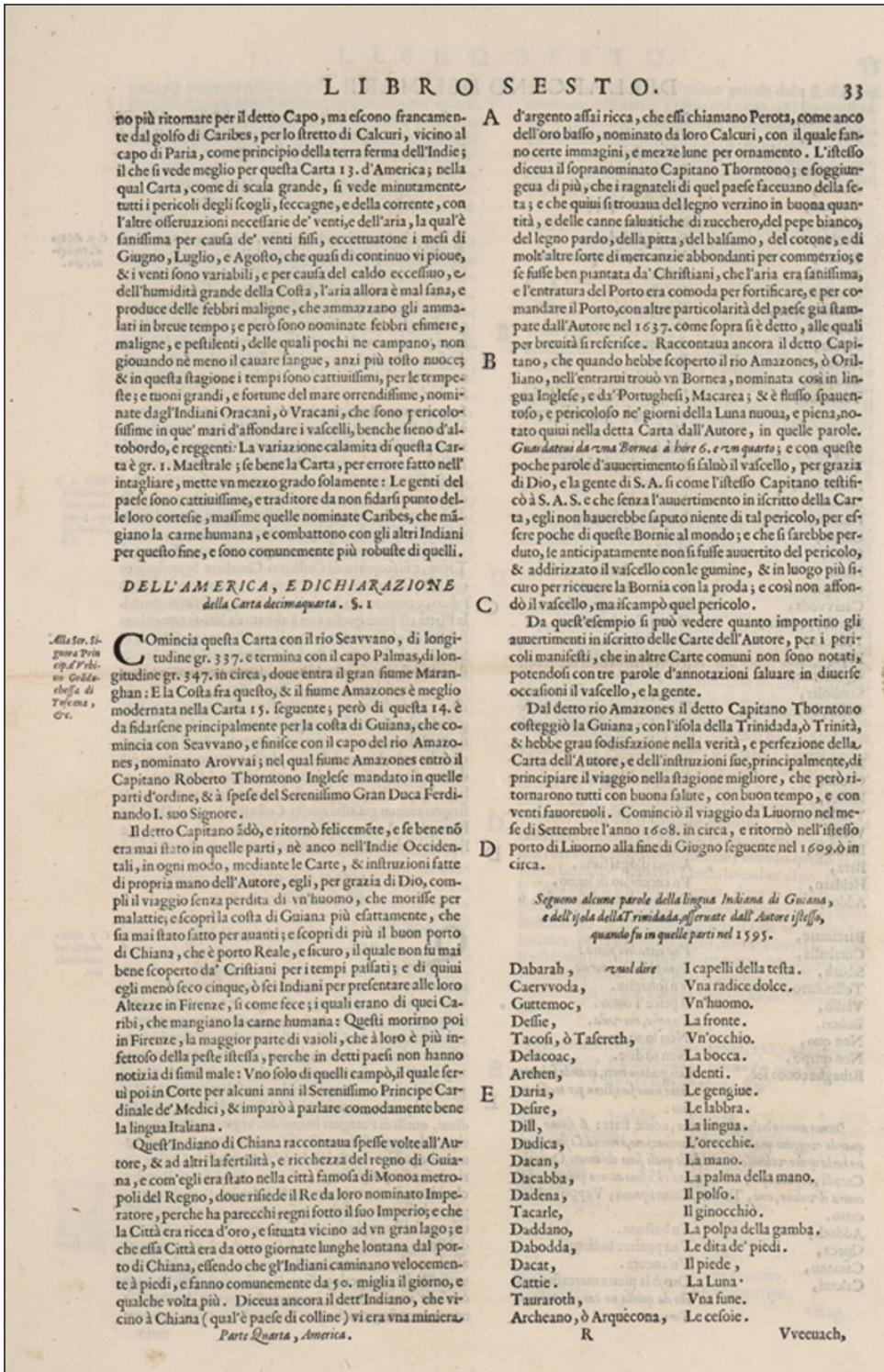


Figura 5 - Vocabulário Arawak (Dudley, 1661: 34)

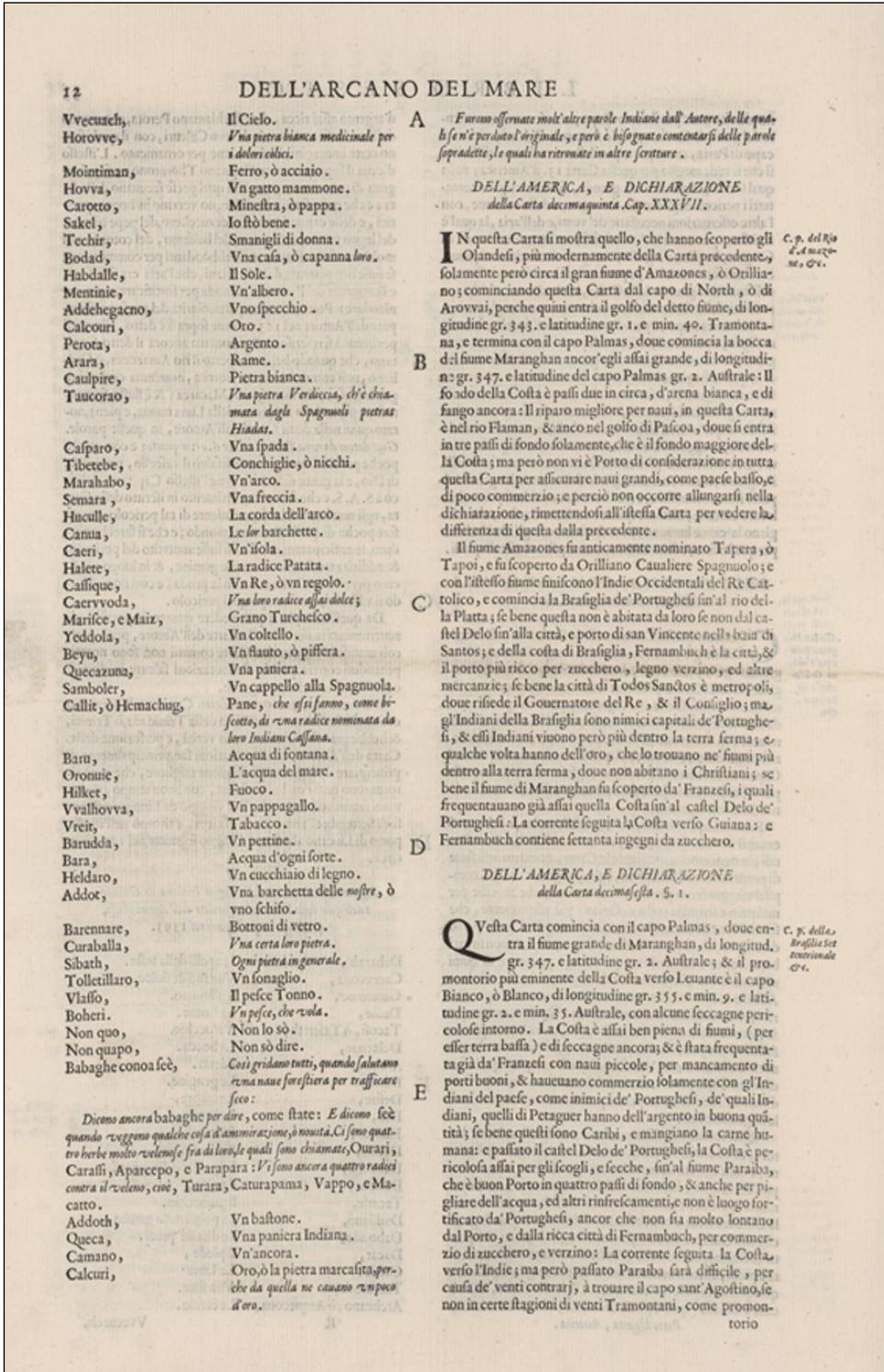


Figura 6 - Vocabulário Arawak (Dudley, 1904: 211)

Here follow certaine wordes of the language of Trinidad
which I observed at my being there.

Guttemock.	A man.
Tabairo, Dabarah, } Or Dabarra. }	The heare of ones head.
Dessie	The forehead.
Dasereth, or Dacosi	An eye.
Dalacoack	The mouth.
Archeh	The teeth.
Daria	The gummes.
Desire	The lips.
Dill	The tongue.
Dudica	The cares.
Dacan	A hand.
Dacabbo	The palme of the hand.
Dadena	The wrist.
Dacurle	A knee.
Daddano	The calfe of the legge.
Dabodda	The toes.
Dacutti	The feete.
Cattie	The moone.
Tauraroth	A rope.
Arkeano	A paire of cizers.
Weevah	The heaven.
Harowa	A stone good for the head ache.

211

Figura 7 - Vocabulário Arawak (Dudley, 1904: 212)

1595.	
Mointiman	Yron or steele.
Howa	Munkeis in generall.
Carotta	A thing like pappe.
Sakel	It is well, or I am well.
Techir	A bracelet.
Bodad	A boxe or chest.
Mentinie	A tree.
Addehegaeno	A glasse.
*Calcouri	Gold.
Perota	Silver.
Tacorao a green stone. }	{ Arrara copper.
Caulpiri	A white stone.
Casparo A sword. }	{ Tibetebe cockles.
Marrahabo a bow. }	{ Semaro an arrow.
Huculle	A bow-string.
Halete	A Potato roote.
Caerwoda	A sweete root.
Maurisse Wheat. }	{ Queca A basket.
Yeddola A knife. }	{ Sambolers A hat.
Beyou A pipe. }	{ Callit Bread.
*Oronuie	Water.
Arguecona	A paire of cizzers.
Heldaro	A spoone.
Hemachugh	A bread which they eatè.
Hicket Fire. }	{ Walrowa A parrot.
Ureit Tabacco. }	{ Barudda A combe.
Addoth	A sticke.
Barrennaire	A button, or beads.
Curaballa & Sibath, for 2 sundry stones: but Sibath in general signifieth a stone.	
Tolletillero bels. }	{ Ulasso a Tuny-fish.
Bohery A flying fish. }	{ Bara Water.
Haddalle	The Sunne.
Babage-Canoaseen	The manner of the Indians hailing of a ship, calling it after the name of their Canoas.
Non quo, Or	} I know not, Or } I cannot tell.
Non quapa	

** It is before
in this voyage
called
Calvorie.
[III. 578.]*

** The name
of the river
Orenoque may
seeme to be
derived from
this word.*

Em 1605 Dudley abandonava definitivamente a Inglaterra, indo de início para Calais, acompanhado por sua prima e amante, Elizabeth Southwell, disfarçada como pajem. Elizabeth era filha de Sir Robert Southwell e Lady Elizabeth Howard, bisneta de Charles Howard, 1º. Conde de Nottingham e tio de Dudley. O casal declarou que havia se convertido ao catolicismo; casaram-se em Lyon, em 1606, após obter a dispensa papal, por serem primos. Foram em seguida instalar-se em Florença.

Dudley passou a usar o título de seu pai, de Duque de Leicester, e o título de seu tio, de Conde de Warwick.

Dudley começou a desenhar e construir navios de guerra para o arsenal da Toscana e tornou-se conselheiro naval de Fernando I, Grão-Duque da Toscana (30 de julho de 1549–22 de fevereiro de 1609), da família Medici; Fernando fora nomeado cardeal, mas com a morte de Francisco de Medici, a 19 de outubro de 1587 obteve do Papa Sisto V a dispensa do cardinalato para herdar o título de Grão-Duque (Figuras 8-9).

Figura 8 - Fernando de Medici como cardeal



Figura 9 - Fernando de Medici como Grão-Duque da Toscana (Fernando I)



Dudley recebia do Grão-Duque uma anuidade de 2.000 ducados.

Em 1608, convenceu Fernando I a enviar o navio corsário *Santa Lucia Buonaventura* à Guiana e ao Norte do Brasil. Para fazer essa expedição, indicou William Davies, Cirurgião-Barbeiro de Londres (cf. Davies 1614, 1745; Wadsworth 1630; Ridolfi 1962; Holanda 1967, 2000; Zeron & Camenietzki 1967, que apresentam vasta documentação sobre o tema; Neri 2000; Villani 2003; d'Angelo 2004; Sanfilippo 2008; breves referências em Anônimo 1829a, 1829b; Smedley, Rose & Rose 1845; Braudel 1966; Barão do Rio Branco 2012).

Segundo Lee (1888: 161):

“DAVIES, WILLIAM (*fl.* 1614), traveller, was a native of Hereford, and became a barber-surgeon in London. He states that he was a gentleman by birth, and served in many naval and military operations. On 28 Jan. 1597-8 he sailed in a trading-ship (the Francis) from Saltash, Cornwall, and reached Civitá Vecchia, the port of Rome. He subsequently visited Algiers and Tunis. On leaving Tunis his ship was attacked by six galleys of the Duke of Florence. Davies was taken to Leghorn, where he worked as a slave for eight years and ten months.

At the end of that period Robert Thornton, the English captain of a Florentine ship (the Santa Lucia), begged the duke's permission to take Davies with him as doctor on an expedition to the river Amazon. The duke demanded five hundred crowns as security for Davies' working under Thornton's orders, and the money was paid by William Mellyn of Bristol, who happened to be in Italy. Before leaving Leghorn the duke granted Davies an audience and received him with great kindness. Davies attributed the geniality of his reception to his perfect acquaintance with Italian. On returning to Italy Davies's ship was attacked by an English pirate, and an English sailor (Erasmus Lucas of Southwark) was fatally wounded. Davies landed with the body at Leghorn, and, declining to avail himself of the services of Roman catholic priests, proceeded to bury it by himself. While thus engaged he was arrested by the agents of the Inquisition; lived on bread and water in an underground unlighted dungeon for sixteen days, and after a first examination was removed to a large open prison. An English shipowner, Richard Row of Milbroke, helped him to escape, and after sailing about the Mediterranean he reached London in 1614 and wrote a full and interesting account of his travels (...).

A A true relation of the travailes and most miserable captiuitie of William Dauies, barber-surgion of London foi publicada por Davies em 1614 e teve outras edições (Davies 1625 [sem a narrativa sobre as Amazonas], 1745).

Na sequência, transcrevemos os trechos mais relevantes e acrescentamos sua tradução.

A “DESCRICHÃO E DESCOBERTA DO RIO DAS AMAZONAS”
DE WILLIAM DAVIES, CIRURGIÃO-BARBEIRO DE LONDRES,
FEITA EM 1608 (Davies 1625: 1287-1288)

“The Riuer of the *Amazons* lieth in the highest part of the *West Indies*, beyond the Equinoctial Line, to fall with this Riuer fortie leagues from Land you shal haue 8./6, & 7 fathomes water, & you shal see the Sea change to a ruddy colour, the wa-/ter shal grow fresh, by these signes you may run boldly in your course, and com-/ming neere the Riuers mouth, the depth of your water shal increase, then you shal/ make Discouerie of the Trees before the Land, by reason the Land is very low, and not higher in/ one place then another three foote, being at a Spring tide almost all ouer flowne, God knows/ how many hundred leagues. It stowes much water therewith with a verie forcible tide. In this Ri-/uer I continued tenne weekes, seeing the fashion of the people and Countrie there: This Coun-/trie is altogether full of Woods, with all sorts of wilde Beasts: as Lions Beares, Woolues,/ Leopards, Baboones, strange Boores, Apes, Monkeis, Martins, Sanguines, Marmosets, with/ diuers other strange beasts: also these Woods are full of Wild-fowle of all sorts, and Parrats/ more plentiful then Pidgeons in *England*, and as

good meate, for I haue often eaten of them./ Also this Countrey is very full of Riuers, hauing a King ouer euerie Riuer. In this place is continuall Tempests, as Lightning, Thunder, and Raine, and so extreame, that it continues/ most commonly sixteen or eighteen hours in four and twentie. There are many standing/ waters in this Countrey, which be full of *Alligators*, *Guianes*, with many other seuerall wa-ter Serpents, and great store of fresh fish, of strange fashions. This Countrey is full of *Muskitas*,/ which is a small Flie, which much offends a Stranger coming newly into the Countrey. The/ manner, fashion, and nature of the people is this: They are altogether naked, both men and/ women, hauing not so much as one threed about them to couer any part of their nakednesse,/ the man taketh a round Cane as bigge as a pennie Candle, and two inches in length, through/ the which he puls the fore-skinne of his yard, tying the skinne with a piece of the rinde of/ a Tree about the bignesse of a small pack-threed, then making of it fast about his middle, hee/ continueth thus till hee haue occasion to vse him: In each Eare hee weareth a Reede or Cane,/ which hee bores through it, about the bignesse of a Swannes Quill, and in length halfe an inch,/ and the like through the midst of the lower lippe: also at the bridge of the Nose hee hangs/ in a Reede a small glasse Beade or Button, which hanging directly afore his Mouth, flies too/ and fro as hee speakes, wherein hee takes great pride and pleasure. Hee weares his Haire/ long, being rounded below to the neather part of his Eare, and cut short, or rather as I iudged/ pluckt bald on the crowne like a Frier. But their women vse no fashion atall to set forth them-/selues, but starke naked as they were borne, with haire long of their Heads, also theirs Breasts/ hang verie low, by reason they are neuer laced or braced vp: they doe vse to anoint their Bo-/dies, both Men and Women, with a kind of redde Earth, because the *Muskitas*, or Flies shall/ not offend them.

These people are verie ingenious, craftie, and treacherous, very light of foot, and good/ Bowsmen, whose like I haue neuer seene, for they doe ordinarily kill their owne food, as/ Beasts, Fowles, and Fish, the manner of their Bow and Arrowes is this. The Bow is is about/ two yards in length, the Arroee seuen foote. His Bow is made of Brasill-wood verie curious,/ his string of the rinde of a Tree, lying close to the Bow, without any bent, his Arrow made of/ Reede, and the head of it is a fish bone, hee kils a Beast in this manner: standing behinde a Tree,/ hee takes his marke at the Beast, and wounding him, hee followes him like a Bloud-hound till he/ fall, oftentimes seconding his shoot: then for any Fowle be he neuer so little, he neuer misses him:/ as for the fish, hee walkes by the water side, and when hee hath spied a fish in the water, hee/ presently strikes him with his Arrow, and suddenly throwing downe his Bow, hee leapes into/ the water, swimming to his Arrow which hee drawes aland with the fish fastened to it, then/

haung each kild his owne food, as well flesh, and fowle, as fish, they meete together, to the/ number of fiftie or sixtie in a company, then make a fire after this fashion: They take two stickes/ of Wood, rubbing one hard against another, till such time as they bee fired, then making of a/ great fire, euery man is his owne Cooke to broile that which he hath gotten, and thus they feed/ without Bread or Salt, or any kind of drinke but Water and Tobacco, neither doe they know/ what it means: In these Countries we could find neither Gold nor Siluer Oare, but great store/ of Hennes. For I haue bought a couple for a *Iewes Harpe*⁴, when they would refuse tenne shil-/lings in money. This Countrie is full of delicious fruite, as Pines, Plantines, Guaues, and Pota-/to Rootes, of which Fruits and Roots I would haue bought a mans burthen for a glasse Button/ or Bead. The manner of their Lodging is this: they haue a kinde of Net made of the rinde of a/ Tree which they call *Hamas*, being three fathoms in length, and two in breadth,/ and gathered//

at both ends at length, then fastning either end to a Tree, to the full length about a yard and/ halfe from the ground, when hee hath desire to sleepe, hee crepes vnto it. The King of euerie/ Riuer is knowne by this manner. He weares vpon his head a Crowne of Parrats feathers, of se-/uerall colours,, hauing either about his middle, or about his Necke, a Chaine of Lions teeth or/ claws, or of some other strange beast, hauing a wooden Sword in his hand, and hereby is he/ knowne to be the King: Oftentimes one King warres against another in their Canowes, which/ are Boats cut out of a whole Tree, sometimes taking one another, the Conquerours eates the/ Captiues. By this time ten weekes were spent, and being homewards bound, but not the/ same way that we came, for we sailed vnto the Riuer before thewinde, because/ it blowes there continually one way, which forces all shippes/ that come thither to returne by a con-/trarie way”.

Davies (1745: 487) também tratou das Amazonas:

“The description of Morria, distant from England 1620 leagues.

“Morria is a small low island, lying in/ the River of Amazonas, the highest part/ of the West-Indies. This island is alto-/gether inhabited by women, having no/ mankind among them; they go alto-/gether naked, using bows and arrows for/ the killing their food; the hair of their/

⁴ *Jew's harp*. Berimbau de boca. A primeira citação do nome inglês é de Raleigh (1596: 109): “and had so many hens as was wonderfull, and if we would haue any we should send Jewes harpes, for they would giue for euery one two hens, we tooke an Indian and gaue him 500 harpes, the hens were so many that he brought vs, as were not to be numbred” (cf. também Schomburgk, 1848: 127). Teria Davies lido o relato de Raleigh?

heads is long, and their breasts hang low;/ and whereas many here in *England* do/ imagine that they have their right breast/ seared or cut off, it is no such matter now, what hath been in times past I/ know not: for this of mine own know-/ledge, I have seen forty, fifty or three-/score of them together, each of them/ bearing bows and arrows in their hands,/ going along by the sea-side; and when/ they spy a fish, they shoot at it, and strike/ it, and so throwing down their bows, they/ leap into the water after their arrows, and/ bring the fish to land, fastened to the ar-/row; and so in all other things, as well/ the dressing of their meat, as their lodg-/ings and customs, they resemble and imi-/tate the *Indians* of the river of *Amazons*,/ as you heard before in that discourse. But/ some of these women do use to bear their/ children upon their backs, in this man-/ner: They take a piece of the rind of a/ tree, and with one end thereof they fasten/ the child's hams, and about the arm-pits/ and shoulders with the other, and so hang/ him on their backs like a tinker's budget⁵,/ and cast up the breast to him over the shoulder. The reason wherefore this/ island is inhabited by women only, is this:/ One month in the year, the Men from/ each side of the main land come in their/ canoes over to the island, every man/ matching himself with a woman, living/ there a month; and what men children/ they find there, they carry away with/ them, and the women children they leave/ behind with the mothers: and this is/ their use once a year, whereby this island/ is altogether inhabited by women. There/ is one thing more to be wonder'd at, that/ I have also seen, that is to say, very good/ oysters and muscles growing upon trees,/ for I have eaten my part of many an/ hundred of them: and for your better/ understanding how they grow, you shall/ know that the Trees stand near the sea-/side, and at every full tide the boughs/ hang into the sea a fathom, or a fathom/ and an half, so that when the tide goes/ out, they are found hanging in great/ cluster upon the branches, like barnacles/ o the side of a ship, and at the coming/ in of the tide, their receive their moisture”.

Tradução⁶

“O rio Amazonas fica na parte mais superior das Índias Ocidentais além da linha equinocial; para encontrar esse rio, a 40 léguas da terra, terá

⁵ Palavra registrada no inglês desde 1432 como *bogett*, *bouget*, *bowgette* (“bolsa de couro”), do francês arcaico *bougette*, diminutivo de *bouge*, que por sua vez provém do latim *bulga* (“bolsa de couro, fole”).

⁶ Uma tradução foi publicada por Zeron & Camenietski (1967: 181-184). Outra, bastante livre, foi feita pelo Prof. Dr. Jean Marcel Carvalho França, professor de história da Universidade Estadual Paulista (Unesp/Franca), e publicada na *Folha de São Paulo* de 13 de abril de 2003 [cf. www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1304200308.htm].

8.7 e 7 braças de água, e verás o mar mudar para uma cor avermelhada, e a água tornar-se-á doce; com estes sinais puedes seguir firme em teu curso e chegando perto da boca do rio, a profundidade da água aumentará – então, farás a descoberta de árvores antes que de terra, porque a terra é muito baixa, nunca mais alta num lugar que noutra senão por três pés, sendo na maré viva quase toda inundada, Deus sabe por quantas centenas de léguas. Com isto, muita água ali se acumula, com uma correnteza muito forte. Neste rio permaneci dez semanas, vendo a feição da gente e da região. Esta região é completamente cheia de florestas, com todos os tipos de animais selvagens, como leões, ursos, lobos, leopardos, babuínos, estranhos porcos-do-mato, monos, macacos, martas [Mustelidae], saguis [Davies usa tanto *sanguines* como *marmosets*; ambos têm o mesmo sentido], com diversas outras e estranhas bestas; essas florestas estão também cheias de aves silvestres de todos os tipos, e os papagaios são mais abundantes do que pombos na Inglaterra, e de boa carne, pois comi-os frequentemente. Esta região também está muito cheia de rios, tendo um rei em cada rio. Neste lugar há contínuas tempestades, raios, trovões e chuva, e tão extremos que continuam comumente por 16 ou 18 horas, das vinte e quatro. Há muitas lagoas nesta região, que estão cheias de jacarés, iguanas, e muitas outras e variadas serpentes aquáticas, e grande abundância de peixes de estranhas feições. A região está cheia de mosquitos, que são uma pequena mosca que muito ataca o forasteiro recém-chegado à região. O modo, feição e natureza deste povo são os seguintes: andam totalmente nus, tanto homens e mulheres, não tendo nem um fiapo sobre si para cobrir qualquer parte de sua nudez; o homem toma um canudo redondo do tamanho de uma vela de um vintém, com duas polegadas de comprimento, através do qual puxa o prepúcio de sua verga, amarrando a pele com um pedaço da casca de uma árvore da grossura de um fino barbante, então amarrando-a no meio; ele assim continua até ter necessidade de usá-la. Em cada orelha traz um caniço ou cana, que atravessa nela, quase do tamanho de uma pena de ganso e do comprimento de meia polegada, e outro semelhante através do meio do lábio inferior; também pendura no septo nasal um fio com uma pequena conta de vidro, ou botão, que, ficando pendurado em frente à boca, voa para frente e para trás quando ele fala, do que ele tem um grande orgulho e prazer. Usa seu cabelo longo, cortado arredondado abaixo da parte inferior de sua orelha, ou então, como vi, raspado e careca no topo da cabeça, como a coroa de um frade. Suas mulheres nada costumam colocar sobre si, e andam tão nuas como nasceram; suas cabeças têm longos cabelos; seus seios ficam muito pendentes, pela razão de nunca serem enlaçados ou suspensos. Costumam untar seus corpos, ambos mulher e homem, com uma espécie de terra vermelha [sic; urucum], para que os mosquitos não os molestem.

São gente muito engenhosa, finória e traiçoeira, muito rápida no caminhar e bons arqueiros, como nunca vi semelhantes, pois comumente matam sua própria comida, tal como bestas, aves e peixes; a maneira como usam seu arco e flechas é a seguinte. O arco tem cerca de duas jardas de comprimento e a flecha sete pés. O arco é feito de pau-brasil e muito curioso – sua corda é feita de casca de árvore e fica junto ao arco, sem nenhuma envergadura; suas flechas são feitas de caniço e a ponta é um osso de peixe; matam um animal desta maneira: postando-se atrás de uma árvore, miram o animal e, ferindo-o, seguem-no como cães de caça até que caia, frequentemente flechando-o uma segunda vez; quanto às aves, por menores que sejam, eles nunca erram; quanto aos peixes, eles caminham à beira d’água e quando veem um peixe n’água imediatamente atingem-no com uma flecha e, rapidamente lançando ao solo seu arco, pulam n’água, nadando até a flecha, que trazem para terra com o peixe cravado nela; então, tendo cada qual matado sua própria comida, como carne, e peixes, e aves, reúnem-se, 50 ou 60 num grupo, e fazem fogo desta maneira: tomam dois gravetos de pau, esfregando firmemente um no outro, até quando se inflamam, e então, fazendo uma grande fogueira, cada homem é seu próprio cozinheiro, assando o que obteve e assim se alimentam, sem pão nem sal, ou qualquer outra espécie de bebida, senão água e tabaco; nem mesmo sabem o que [pão e sal] significam. Nessas regiões não achamos nem jazidas de ouro nem de prata, mas grande quantidade de galinhas. Comprei duas por um berimbau de boca, após haverem eles recusado dez xelins em moeda. Esta região está cheia de frutas deliciosas, como abacaxi, goiabas e mandioca, de cujas frutas e raízes poder-se-ia comprar a carga de um homem por um botão ou uma conta de vidro. Seu tipo de acomodação é este: têm uma espécie de rede feita de casca de árvore, a que chamam *Hamas*, tendo três braças de comprimento e duas de largura, e arrepanhada nas duas extremidades, que são então amarradas numa árvore, à altura de cerca de uma jarda e meia do chão; quando têm vontade de dormir, metem-se dentro dela. O rei de cada um dos rios é conhecido pela seguinte maneira: usa sobre a cabeça uma coroa de penas de papagaio de várias cores, ou as de algum outro animal estranho, pendura uma espada de madeira na mão e daí é reconhecido como rei. Frequentemente o rei guerreia contra outro em suas canoas, que são botes feitos a partir de uma árvore inteira; às vezes tomando um ao outro, os conquistadores devoram os cativos. A esta altura dez semanas se passaram e dirigimo-nos para casa, mas não da maneira como viemos, pois velejamos pelo rio à frente do vento que sopra ali continuamente nessa direção, o que força todos os navios que ali chegam a voltar de maneira diferente”.

“*Morria* é uma ilha pequena e baixa, localizada no rio das Amazonas, a parte mais superior das Índias Ocidentais. Esta ilha é totalmente

habitada por mulheres, não havendo homens entre elas; todas andam completamente nuas, usando arcos e flechas para matar seu alimento; o cabelo de suas cabeças é longo e seus seios caídos; apesar de haver muitos na Inglaterra que imaginam terem elas o seio direito queimado ou cortado, hoje não é verdade; como foi no passado não sei; pois delas conheci 40, 50 ou 60 juntas, trazendo arcos e flechas em suas mãos, caminhando ao longo da praia. Quando veem um peixe, atiram nele e, deixando seus arcos, saltam n'água em busca de suas flechas e trazem o peixe para terra, preso à flecha. Em todas as outras coisas, tanto na preparação da carne, quanto em sua acomodação e costumes, elas se assemelham e imitam os índios do rio das Amazonas, como já haveis ouvido neste discurso. Algumas dessas mulheres costumam levar as crianças em suas costas, desta maneira: tomam um pedaço de casca de árvore e enrolam a nádega da criança com uma extremidade e com a outra seus cotovelos e ombros, e lançado acima do seio sobre os ombros, como a bolsa de couro de um funileiro ambulante. A razão pela qual esta ilha só é habitada por mulheres é esta: durante um mês por ano, os homens de cada lado da terra firme chega em suas canoas até essa ilha, cada homem unindo-se com uma mulher e ali vivendo por um mês; toda criança masculina que ali encontram, levam com eles; as crianças femininas deixam para trás com suas mães; e é seu costume uma vez ao ano, donde esta ilha ser completamente habitada por mulheres. Há mais uma coisa a ser admirada, que eu também vi, ou seja, ostras e berbigões muito bons que crescem sobre árvores⁷, pois de minha parte comi centenas deles; e para que melhor entendais como crescem, deveis saber que essas árvores ficam à beira-mar e que a cada maré cheia os ramos mergulham por uma braça no mar, ou braça e meia, de modo que quando a maré se retira, eles são achados em grandes pencas nos ramos, como as cracas no lado de um navio que, com a chegada da maré, dela retiram sua umidade”.

Enquanto no século XVI as poucas viagens pelo Amazonas (Diogo Nunes (1538), Orellana (1541-1542), Pedro de Ursua e Lope de Aguirre (1559-1561)) eram feitas rio abaixo (cf. Porro 1993; Papavero, Teixeira, Overal & Pujol-Luz 2002), na virada do século XV e no início do XVII os holandeses já subiam o rio, estabelecendo comércio com as tribos ribeirinhas. Assim, Laet (1633: 634; Lib. XVII, cap. V: *Brevis narratio eorum qua à Belgis in his partibus fuerunt gesta*) narra que:

“Alii deinceps succedentibus annis etiam magum Amazonum flúmen adire &/ lustrare sunt aggressi; in quo potissimum Zelandorum opera atque industria eni-/tuit, adeo ut etiam colonias ad fluminis hujus ripas deducere & duas arces hic mo-/liri non dubitaverint; unam quidem,

⁷ Sobre os mangues.

quam Nassavicam dixerunt in *Coyminne*. Quae/ instar insulae angusto fluminis ramo à reliqua Continente disjungitur ad milliaria/ pene viginti; distabat autem haec arx circiter octuaginta milliariibus ab ostio fluminis Amazonum. Anteram, quam Auraicam nominarunt circiter septem milliariibus infra priorem. Juxta utramque denique & agris colendis & commerciis cum barbaris exerceridis gnaviter incubuerunt”.

Ou seja, que os holandeses da Zelândia haviam construído no Amazonas dois pequenos fortes e moradias, um deles chamado Nassau, construído em *Coyminne*, um tipo de ilha com 18 a 20 milhas de comprimento, mas estreita e separada do continente por um paraná e distante cerca de 80 léguas da boca do rio. O outro, chamado Orange, ficava a 7 léguas abaixo do primeiro. Esses dois fortes são situados num mapa de Robert Dudley (1661) no rio Parnayba ou Xingu (Edmundson 1903: 1-2).

Poucos anos depois, na narrativa de Master John Wilson de Wansted (Puchas 1906b: 345), consta que:

“After a few daies rest at Wiapoco, the Indians/ advertised us of three Ships which were in the River/ of Amasons, and that one of them would come unto/ us to the River of Wiapoco some two moneths after,/ which proved to be true, but by what meanes they knew it I could not imagine...”.

Edmundson (1903: 2) ensina-nos que esse navio era o *Hope*, de Amsterdam, capitaneado pelo inglês John Sims, que fazia comércio com os indígenas a favor dos comerciantes daquela cidade.

A viagem de Davies, também rio acima (mas não sabemos o quanto penetrou rio acima), representou a única tentativa de estabelecer uma colônia italiana na boca do Amazonas.

*

Voltando agora a falar de Dudley: além da construção de navios, ocupou-se na Toscana de muitos outros projetos, incluindo o quebra-mar de Livorno e as fortificações do porto, a drenagem de pântanos e a construção de seu próprio palácio, feito em 1613 (Figura 10).

Sua obra mais importante, entretanto, foi o *Dell'Arcano del Mare (Sobre o segredo do mar)* (Dudley 1646-1648, em quatro volumes). Esse impressionante e minucioso tratado de astronomia, navegação, construção naval e cartografia inclui 130 mapas, todos de sua própria criação e não copiados de outras fontes, como era costumeiro na época; reúne todos os conhecimentos náuticos desse tempo. Os mapas das costas do nordeste da América do Sul, do Brasil e do rio La Plata constantes dessa edição foram reproduzidos na segunda edição (Dudley 1661) (Figuras 11-17); são notavelmente detalhados e mostram os nomes das tribos indígenas.

Figura 10 - Vista atual do palácio de Dudley, na Via de' Tornabuoni, em Florença



Figura 11 - Costa nordeste da América do Sul (Dudley, 1661: 202)

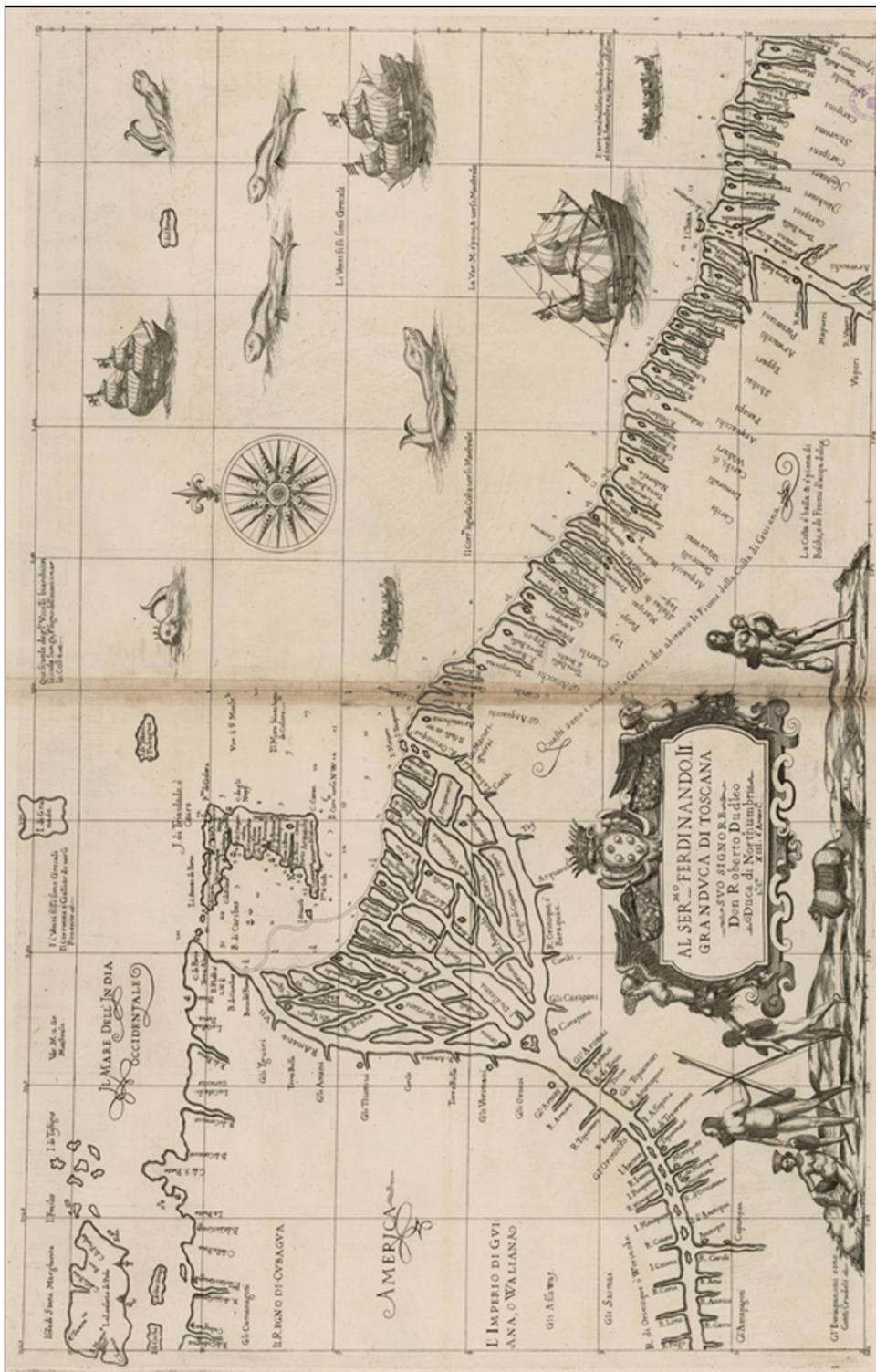


Figura 12 - Mapa da costa do Brasil (1) (Dudley, 1661: 204)

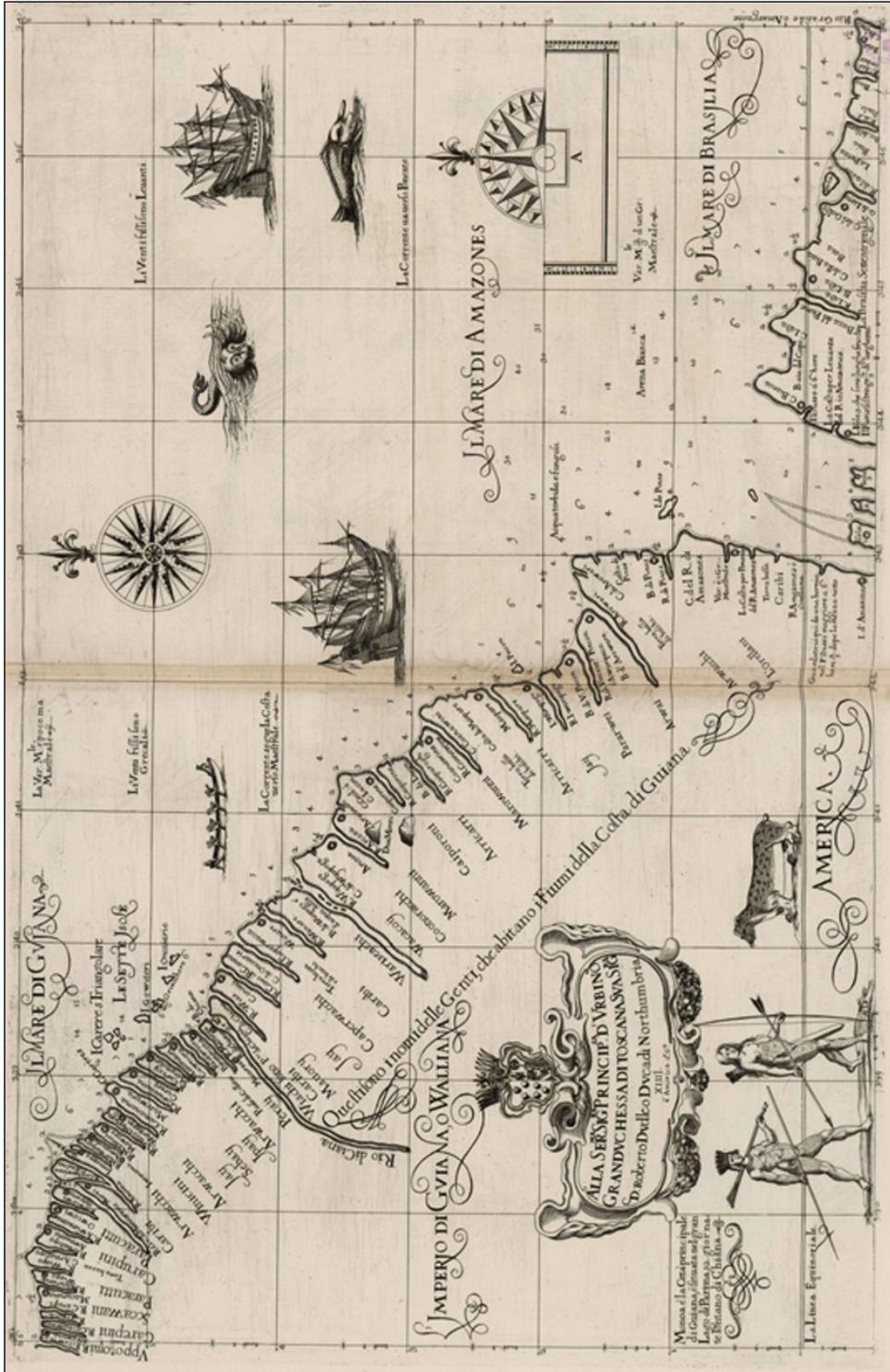


Figura 13 - Mapa da costa do Brasil (2) (Dudley, 1661: 205)

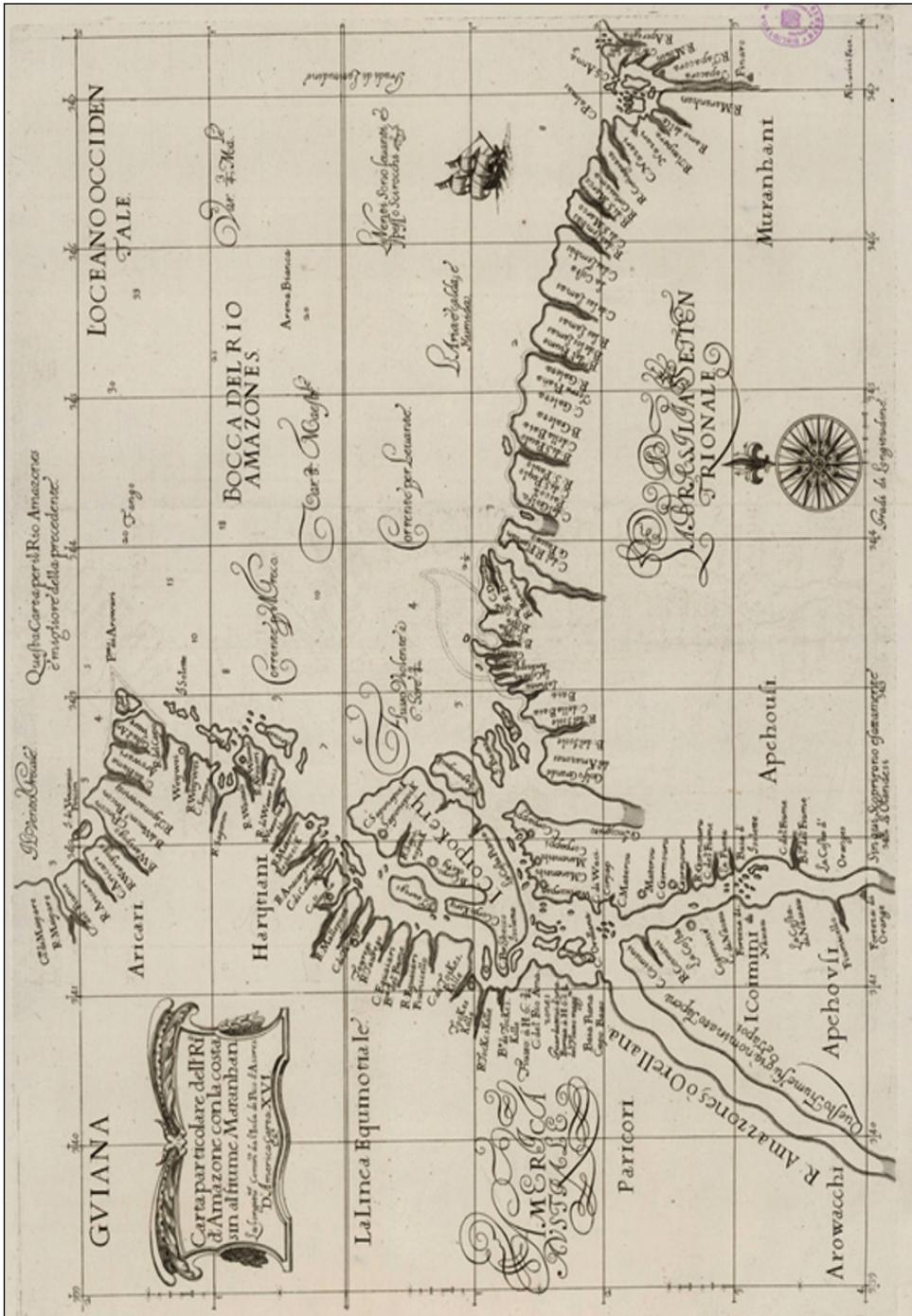


Figura 15 - Mapa da costa do Brasil (4) (Dudley, 1661: 209)

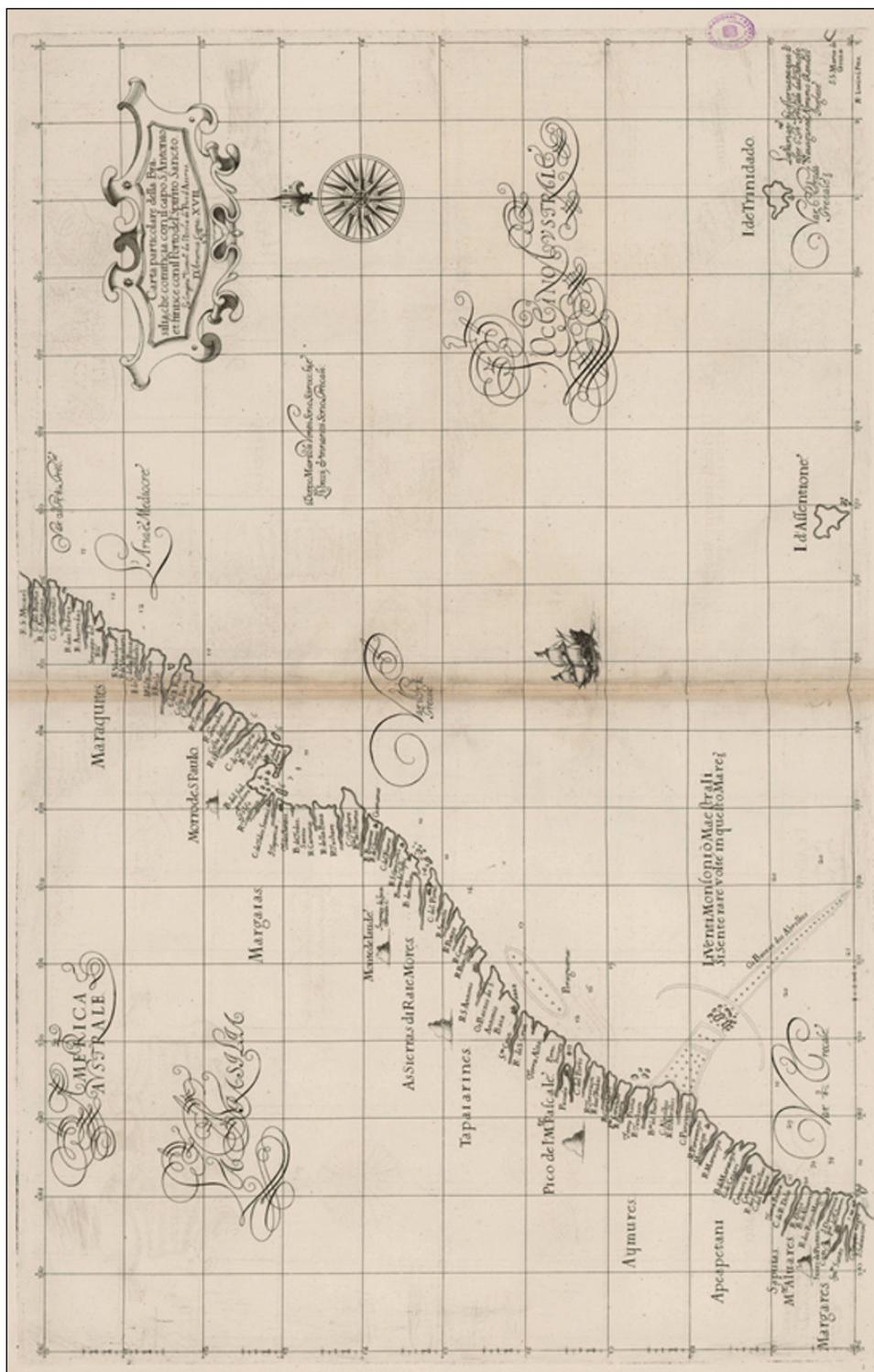
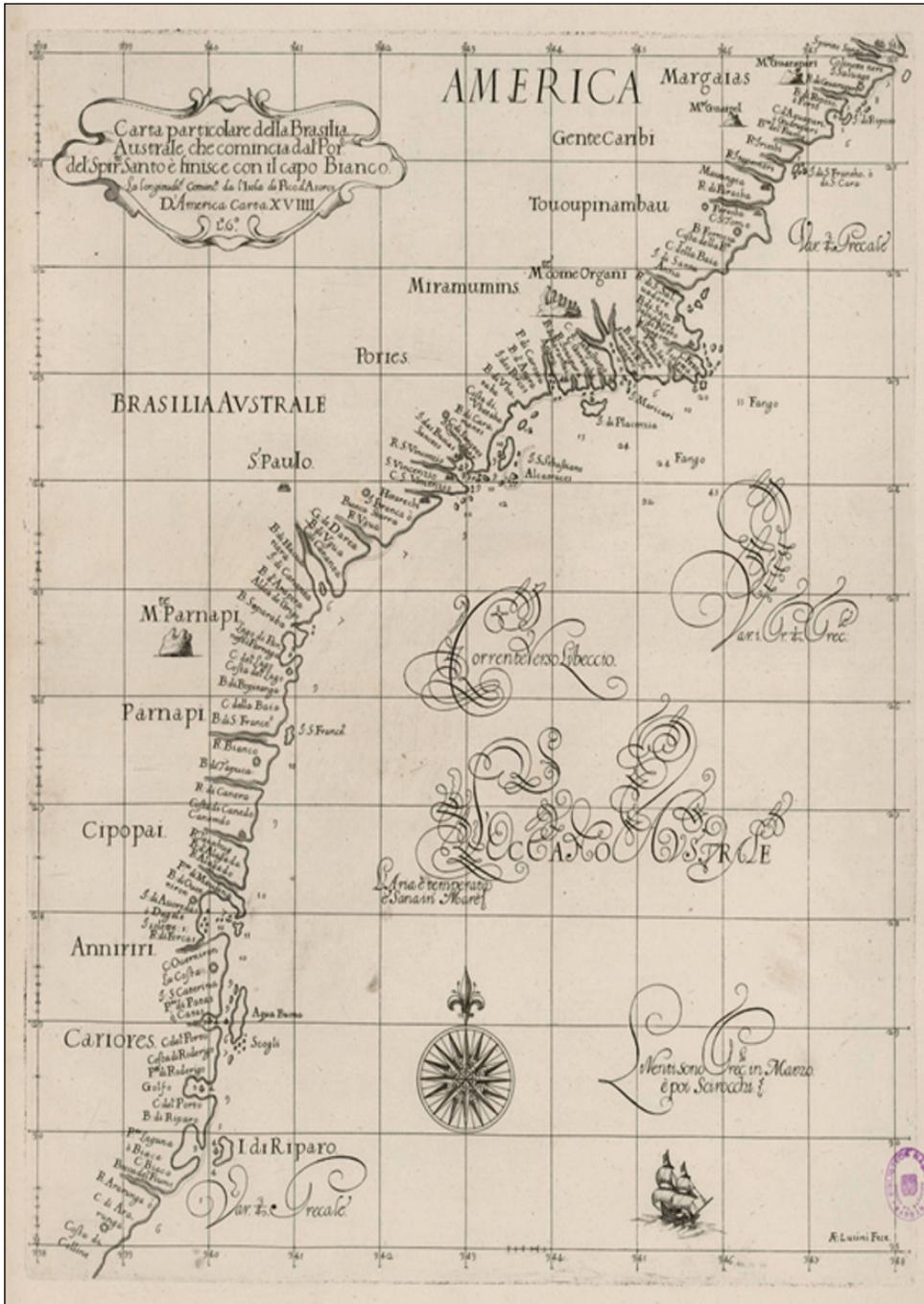


Figura 16 - Mapa da costa do Brasil (5) (Dudley, 1661: 212)



Dudley levou 12 anos para completar essa obra, gastando nela a soma de 5.000 libras de cobre.

Faleceu em 6 de setembro de 1649, na Villa Rinieri, nas cercanias de Florença e foi sepultado na Igreja de San Pancrazio daquela cidade.

Doze anos após sua morte foi publicada a segunda edição de sua obra magna (Dudley 1661) (Figura 18), agora em dois volumes. Houve um grande rearranjo do texto, com a inclusão de muitas adições, ao que se diz coligidas de manuscritos deixados pelo autor (Payne & Foss 1842: 212).

É nessa edição, no segundo volume, que encontramos um pequeno vocabulário da língua Tupinambá, com 136 vocábulos ou frases curtas, que apresentamos facsimilarmente (Figuras 19-20), transcrevemos e damos uma lista corrigida com as traduções para o português.

Vocabulário Tupinambá (Dudley 1661)

Esse vocabulário foi simplesmente incluído na edição de 1661, sem nenhuma explicação ulterior. Como se poderá ver na sequência, utiliza aleatoriamente verbetes do capítulo XX (*Colloque de l'entree ou arrivee en la terre du Bresil entre les gens du pays nommez Toupinambaoults & Toupinenquin en langue Sauvage & Francois*) de Jean de Léry (1578: 234-267), por vezes sem seguir ordem alguma, noutras copiando alguns verbetes de várias páginas em sequência. Dudley confundiu várias letras frequentes vezes (por exemplo, *n* por *u* e *r* por *t*) e traduziu muito mal, para o italiano, muitas palavras.

Um erro introduzido por Dudley, ao citar *Rothomagum* como palavra tupi [sic] para “Vn villaggio”, indica ter ele utilizado a versão latina de Léry, pois o mesmo erro *Rothomagum* ao invés de *Rothomagnum* ocorre nessa edição (cf., p. ex., Léry 1594: 185: “ROTHOMAGVM, Vrbs quedam nominis”). Ver também “Toiotru” na nota 19.

Entretanto, citaremos abaixo os verbetes de Léry segundo a primeira edição francesa (Léry 1578).

P. 35

*Seguono alcune parole della lingua migliore, e più generale della/
Brasiglia, le quali seruono per commercio con le genti/
Barbare della terra ferma di essa./*

<i>Tupinambá</i>	<i>Tradução em italiano</i>
Erimen	Non sò
Tourousson gaten	Principalmente
Ioh	Sono pronto
Escendoup	Ho sentito

Mahmo	Molti
Rothomagum ⁸	Vn villaggio
Augepe	Vna cosa
Toiotru	Vuol piouere
Pa	Così stà
Araip	L'aria è cattina
Oicoegato	E lontano di quì

P. 36

<i>Tupinambá</i>	<i>Tradução em italiano</i>
Verap	Il tempo è oscuro
Ita	Vna pietra
Nembi	Vn orecchio.
Mah	Il Cielo
Shua	La fronte
Conurassi	Il Sole
Iasce	La Luna
Che	Io
Cherese	Gli occhi
Issitata miri	Le stelle del Cielo
Chetin	Il naso
Ibouy	La terra
Porauen	Il mare
Vhete	Acqua dolce
Vhcen	L'acqua del mare
Augebo	Son certo
Agne he oach	Quel che dico, è vero
Sti po que	Non parlo senza occasione
Marauo amo pe?	Perche lo domandi?
Maeda	La fiamma del fuoco
Setaque	Ci sono molti
Cembere ingue	Aspetate più
Arouan	Uno specchio
Kuap	Vn pettine

⁸ Um erro do autor. Deveria ser *Rothomagnum*, nome romano da cidade de Rouen.

Soo	Bestiame saluatico
Oura	Gli vccelli
Pira	Pesce
Ouy	Farina
Pinda	Lamo da pescare
Montemonten ⁹	Vn punterolo ¹⁰
Arrout	Gli ho hatto
Guia par ete	Sono cose grande
Marauae	Da quel, ch'io sono
Auge gaton tega	Egli ha discorso molto bene
Setape	Di molti
Necri	Orsù
Aaub	Vestiti
Mabouy	Quanti siati
Augebe	E bem detto
Que	Il capo
Voua	La faccia
Chereburre	Il fratello minore
Iuron	La boca
Redimi va que	La barba
Apelou	La lingua
Ram	I denti
Che aioeue	Il collo
Poca	Il petto
De	Tu
Ahe	Egli, ò lui
Orece	Noi
Pee	Voi
Auue	Quelli
Emiredutata	Andate fuori
Emegoeptata	Gli è segno del fuoco
Emogiperu	Cette cose di pesce
Esiessa	Togliete

⁹ Léry (1578: 346): “*Moutemōten des alaines*”.

¹⁰ No italiano moderno *punteruolo* (lat. *punctarius*) = furador, instrumento perfurante.

Coceri vpe	Và à bere della fonte
Erot vichesai	Datemi dell'acqua
Cherenuc augepe	Datemi bere
Querema sheremyourecoap	Datemi mangiare
Tace poch	Lauateui le mani
Che embouasi	Io ho sete
Cherace	Io sudo
Cheron	Sono freddo
Cheracoup	Io ho lafebre
Checaroe	Ne hò dolore
Caroue	La notte, ò sera
Cheroemp	Ne son'allegro
Chere	Vn seruitore
Querre maliau	E potente in guerra
Cherop	Il padre
Cherequeat	Il fratello maggiore
Renudire	La sorella
Tacout	Vengo, ò verrò
Tipet	La figlia della sorella
Aica	Vn'amica
Chesi	La madre
Sur	La matrigna
Cherajjt	La figlia
Ramemynon	Il nipote del nonno
Aico	Io sono
Ereuo	Voi siate, <i>(cioè tu sei)</i>
Oico	Egli è
Oreico	Noi siamo
Peico	Voi siate
Auree aico	Io son quì
Aico ay aqueente	Allora sarò
Acoire	Sarò per l'auenire
Tauge	Subito
Taico deiron	Sono con voi
Aiout	Io vengo
Ereiout	Tu venisti

Oout	Egli veniua
Oreiout	Egli verrà
Andeout	Quelli sono venuti
Aiout agoueme	Alora veniuano
Aiout iran	Vengano
Emoout	Faccia, che io possa venire
Peorì	Venite
Aiout mo	Vengo volentieri
Enegouere	L'anima è vscita del corpo
Ranggere	Il Demonio
Tavvme	Egli verrà
Inubya	Vna cornetta <i>all'vsâza degl'Indiani</i>
Neui	Vi prego
Ascoe	La gola
Recape	La parte di dietro d'vn huomo
Rousboni	Le reni
Reuire	Le narici
Inuan poni	Le spalle
Inua	Le braccia
Po	La mano
Ponea	Le dita
Puyac	Lo stomaco
Poron asseu	Il bellico
Cam	Le poppe d'vna donna
Roduponam	Le ginocchia
Pouy	Il piede
Pussempi	L'vnghie delle dita de' piedi
Ponempe	L'vnghie delle dita delle mani
Gugeny	Il cuore
Eney	L'anima, e spirito d'vn'huomo
Recouen	Le membra segrete d'vn'huomo, ò d'vna Donna
Aignen	<i>Vn Demonio particolare, ch'è frequente à quegl'Indiani saluatichi della Brasiglia</i>

CORREÇÕES DOS VOCÁBULOS E TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS

<i>Grafia original</i>	<i>Forma corrigida</i>	<i>Tradução em português</i>
Erimen ¹¹	Erimã ¹²	Não!
Tourousson gaten ¹³	Turuçúcatú	Muito grande
Ieh ¹⁴	Te	Estou pronto
Escendoup ¹⁵	Ecendúb	Ouçã
Mahmo ¹⁶	Nãmo	São tantos
<i>Rothomagun</i> ¹⁷		
Augepe ¹⁸	Ojepé	Um
<i>Toiotru</i> ¹⁹		
Pa ²⁰	Pa	Sim (do homem)
Araip ²¹	Áraíb	Tempo (ou dia) ruim

¹¹ Léry (1578: 343): “*Erimen*. Non, ou Nenny [como interjeição: “Não!”], página 353: “Erimem. Nenny” e página 364: “*Erymen*. Nenny”. Rodrigues (2009: 247): “**erimã**, não, ou: de modo algum”, Rodrigues (2009: 253): “**erimã**, não”, Rodrigues (2009: 259): “**erimã**, não”.

¹² In Silva (2011: 241).

¹³ Léry (1578 : 363): “*Touroussou*-gatou. Elles [les maisons] sont fort grãdes”. Rodrigues (2009: 259): “**turuçúcatú**, são muito grandes”.

¹⁴ Léry (1578: 364): “*Ieh*. Me voila prest”. Rodrigues (2009: 260): “**te**, estou pronto”.

¹⁵ Léry (1578: 364): “*Escendou*. Escouté”. Rodrigues (2009: 260): “**ecendúb**, escute”.

¹⁶ Léry (1578: 363): “*Mahmo*. Beaucoup. Ce mot emporte plus que beaucoup car ils le prēnent pour chose esmerueillable”. Rodrigues (2009: 259): “**nãmo**, muito (esta palavra significa mais que muito, pois eles a usam para coisa admirável”.

¹⁷ Léry (1578: 361): “ROVEN [a *Rothomagnum* dos romanos!], C’est vne ville ainsi nommee. *Tau-ouscou* [sic]-*pe-ouim*. Est-ce vn grand village. Ils ne mettent point de difference entre ville et village à raison de leur vsage, car ils n’ont point de ville”. Rodrigues (2009: 258): “**tábuçúpe uí**, é essa uma aldeia grande? Eles não fazem diferença entre cidade e aldeia, de acordo com o seu uso, pois não têm cidades”.

¹⁸ Léry (1594: 271): “*Auge-pe*. Vn seulement”. Rodrigues (2009: 258): “**ojepé**, um só”.

¹⁹ Provavelmente seja TONITRUO (trovão). Na edição latina (Léry 1694: 284) temos: “*Amen*. Pluuia. *Amen poutou*. Tempestas pluuia ingruente. *Toup-en*. **Tonitruo**: toupé *Verap*: est corruscatio”. E na francesa (Léry 1578: 359): “*Amen*, pluye; *Amen poyton*, le temps disposé & **prest à pleuuir**. *Toupen*, tonnerre, *Toupen verap*, **c’est l’esclaire qui la preuient**”. Rodrigues (2009: 257): “**amán**, chuva; **amãpytún**, tempo disposto e pronto para chover; **tupán**, trovão; **tupãberáb**, o relâmpago que precede o trovão”.

²⁰ Léry (1578: 341 e 362): “*Pa*. Ouy”. Rodrigues (2009: 259): “**pá**, sim”.

²¹ Léry (1578: 359): “*Arraip*, mauuais air”. Rodrigues (2009: 257): “**áraíb**, mau ar”.

Oicoegato ²²	Oicoé catu ²³	É muito diferente
Verap ²⁴	(Tupã)beráb	Relâmpago
Ita ²⁵	Itá	Pedra
Nembi ²⁶	Nambí	Orelha
Mah ²⁷	Ybác	Céu
Shua ²⁸	Cyba	Fronte
Conurassi ²⁹	Cuaracý	Sol
Iasce ³⁰	Iacý	Lua
Che ³¹	Xeé	Eu
Cheresse ³²	Xereçá	Meu olho
Issitata miri ³³	Iacýtatá mirĩ	Estrelinhas

²² Léry (1578: 363): “*Oicoe-gatou*. Il y a une grande difference”. Rodrigues (2009: 259): “**oicó’écátú**, há grande diferença (são bem diferentes)”.

²³ *Oicó’pecatú* in Silva (2011: 253).

²⁴ Léry (1578: 359): “*Toupen verap*, c’est l’esclair qui le preuient”. Rodrigues (2009: 257): “**tupãberáb**, o relâmpago que precede o trovão”.

²⁵ Léry (1578: 359): “*Ita*, est proprement pris pour pierre. Aussi est prins pour toute espece de metal & fondement d’edifice, come *aoh-ita*, le pillier de la maison”. Rodrigues (2009: 257): “**itá**, é principalmente usado para pedra; também é usado para toda espécie de metal e fundamento de edifício, como *Aoh-ita* (óc-ytá), o pilar da casa”.

²⁶ Léry (1578: 364): “*Che-nembi*. Mes oreilles”. Rodrigues (2009: 260): “**xé nambí**, minhas orelhas”.

²⁷ Léry 1578 : 359): “*Mac*, Le ciel”. Rodrigues (2009: 257): “**ybác**, céu”.

²⁸ Léry (1578: 364): “*Chèsshua*. Mon front”. Rodrigues (2009: 257): “**xé cybá**, minha testa”.

²⁹ Dudley provavelmente leu erroneamente essa palavra; deveria ser *Couarassi*. Em Léry (1578: 359): “*Couarassi*, le Soleil”. Rodrigues (2009: 257): “**cuaracý**, sol”.

³⁰ Léry (1578: 359): “*Iasce*, la Lune”. Rodrigues (2009: 257): “**jacý**, lua”.

³¹ Léry (1578: 364): “*Ché*, C’est la premiere personne du singulier qui sert en toute maniere de parler, tant primiyiue que deriuatiue, possessiue, ou autrement. Et les autres personnes aussi”. Rodrigues (2009: 260): “**xé**, é a primeira pessoa do singular, que serve em toda maneira de falar, tanto primitiva, como derivativa, possessiva ou outra. E as outras pessoas também”. Rodrigues (2009: 262): “**xé**, eu”.

³² Léry (1578: 365): “*Ché-ressa*. Mes yeux”. Rodrigues (2009: 260): “**xé reçá**, meus olhos”.

³³ Léry (1578: 359): “*Iassi tatá miri*, Ce sont toutes les autres petites estoilles”. Rodrigues (2009: 257): “**jacýtatámirĩ**, são todas as outras estrelas pequenas”. Léry contrapôs essa expressão a “*iassi tatá ouassou*; La grande estoille du matin & du vespre qu’on appelle cõmunémêt Lucifer”. Rodrigues (2009: 257): “**jacýtatáguacú**, a grande estrela da manhã e da tarde, que chamamos comumente Lúifer”.

Chetin ³⁴	Xetĩ	Meu nariz
Ibouy ³⁵	Ybý	Terra
Porauen ³⁶	Paranã	Mar
Vhete ³⁷	Yeté	Água verdadeira(doce)
Vhcen ³⁸	Yceẽ	Água salgada
Augebo ³⁹	Aujébe	Está bem
Agne he oach ⁴⁰	Anhetégué	É bem verdade!
Sti po que ⁴¹	Aipónhé	É isso!
Marauo amo pe? ⁴²	Marãnamopé	Por que?
Maeda ⁴³	Maendý	A chama do fogo
Setaque ⁴⁴	Cetá nhé	Há muitos
Cembere ingue ⁴⁵	Enhãbé ranhé	Espera um pouco
Arouan ⁴⁶	Aruá	Espelho
Kuap ⁴⁷	Kyguáb	Pente
Soo ⁴⁸	Soó	Animal(de caça)

³⁴ Léry (1578: 365): “*Ché-tin*. Mon nez”. Rodrigues (2009: 260): “**xé tĩ**, meu nariz”.

³⁵ Léry (1578: 359): “*Ybouy* c’est la terre”. Rodrigues (2009: 257): “**yby**, é a terra”.

³⁶ Provavelmente um erro de Dudley por *paranen*. Em Léry (1578: 359): “*Paranan* la mer”. Rodrigues (2009: 257): “**paraná**, mar”.

³⁷ Léry (1578: 359): “*Uh-etè* c’est eau douce”. Rodrigues (2009: 257): “**yeté**, água doce”.

³⁸ Léry (1578: 359): “*Uh-een* eau salee”. “**Yceẽ**, água salgada”.

³⁹ Ver nota 15.

⁴⁰ Léry (1578: 345): “*Augé-terah*. Voila qui est bien”. Rodrigues (2009: 248): “**aujé tetiruã**, está bem”.

⁴¹ Léry (1578: 353): “*Aipo-gué*. Je le di pour cause”. Rodrigues (2009: 252): “**aipo nhẽ**, eu o digo por dizer (isso simplesmente)”.

⁴² Léry (1578: 353): “*Marã amo pè?* Pouquoy t’en enquier tu”. Rodrigues (2009: 252): “**marãnamope**, por que você pergunta? (por quê?)”.

⁴³ Léry (1578: 351): “*Mae du*. Qui est flãbe de feu de quelque chose”. Rodrigues (2009: 251): “**ma’endy**, que é a chama de fogo de alguma coisa”.

⁴⁴ Léry (1578: 350): “*Seta-gue*, Il y en a beaucoup”. Rodrigues (2009: 251): “**cetá nhẽ**, há muitos”.

⁴⁵ Léry (1578: 346): “*Eẽmbereingué*, Atten encore”. Rodrigues (2009: 248): “**enhambé ranhẽ**, espere ainda”.

⁴⁶ Léry (1578: 346): “*Arroua* des miroirs”. Rodrigues (2009: 248): “**guaruguá**, espelhos”.

⁴⁷ Léry (1578: 346): “*Kuap* des peignes”. Rodrigues (2009: 248): “**kyguáb**, pentes”.

⁴⁸ Léry (1578: 347): “*Soo*, Des bestes”. Rodrigues (2009: 249): “**so’ó**, animais”.

Oura ⁴⁹	Guyrá [uyrá]	Ave
Pira ⁵⁰	Pirá	Peixe
Ouy ⁵¹	Uí	Farinha
Pinda ⁵²	Pindá	Anzol
Montemonten ⁵³	Mutúmutúca	Sovela, furadores
Arrout ⁵⁴	Arút	Eu trouxe
Guia par ete ⁵⁵	ybyrapáreté	Arco verdadeiro
Maravae ⁵⁶	Marābaé	Qual?
Auge gaton tega ⁵⁷	Aujé catú tenhé	Está muito bem
Setape ⁵⁸	Cetá pe	São muitos?
Necri	Neĩ corí	Ora vamos logo!
Aaub ⁵⁹	Aóba	Roupa
Mabouy ⁶⁰	Mobýr	Quantos?
Augebe ⁶¹	Ojepé	Um

⁴⁹ Léry (1578: 347): “*Oura*, des oiseaux”. Rodrigues (2009: 249): “**guyrá**, aves”.

⁵⁰ Léry (1578: 347): “*Pira*, du poisson”. Rodrigues (2009: 249): “**pirá**, peixe”.

⁵¹ Léry (1578: 347): “*Ouy*, de la farine”. Rodrigues (2009: 249): “**u’í**, farinha”.

⁵² Léry (1578: 346): “*Pinda* Des haims”. Rodrigues (2009: 248): “**pindá**, anzóis”.

⁵³ Léry (1578: 346): “*Moutemõton* des aleines”. Rodrigues (2009: 248): “**mutúmutúca**, sovelas (brocas)”.

⁵⁴ Léry (1578: 345): “*Arrout*, Ie’n ay apporté”. Rodrigues (2009: 248): “**arúr**, trouxe”.

⁵⁵ Léry (1578: 359): “*Ourapat*, vn arc. Et neantmoins que ce soit vn nom cõposé de *ybouyrah* qui signifie bois, & *apat* crochu, ou partie toutesfois ils prononcent *Orapat* par syncope”. Rodrigues (2009: 257): “**urapár**, arco. Embora este seja um nome composto de *ybourah* (**ybyrá**), que significa pau, e *apat* (**apár**), recurvo, no entanto eles pronunciam *Orapat* (**urapár**) por síncope”.

⁵⁶ Léry (1578: 343): “*Mara vaé?* De quelle sorte ou couleur?” e página 344: “*Mara vaé?* Quels sont ils?”. Rodrigues (2009: 247): “**marāba’épe**, quais são?”, Rodrigues (2009: 259): “**marāba’épe**, como são elas?”.

⁵⁷ Léry (1578: 344): “*Augé-gatou-tégué*. Voila tresbien dit”. Rodrigues (2009: 247): “**aujécatú tenhẽ**, está muito bem dito”.

⁵⁸ Léry (1578: 343): “*Seta-pé?* Beau-coup?”. Rodrigues (2009: 246): “**cetápe**, muitos?”.

⁵⁹ Léry (1578: 342): “*A-aub*. des vestements”. Rodrigues (2009: 246): “**aóba**, roupas”.

⁶⁰ Léry (1578: 342): “*Mobouy?* Combien?”. Rodrigues (2009: 246): “**mobype**, quantas?”.

⁶¹ Pela sequência, deve ser *Augé-pé*, o número 1 (Léry 1578: 342), Rodrigues (2009: 246): “**ojepé**, 1”; e na página 361: “*Auge-pe*. Vn seulement”.

Que ⁶²	Ába	Cabelo [erradamente como <i>cabeça</i> em Dudley]
Voua ⁶³	Obá	Rosto
Chereburre ⁶⁴	Xerybýra	Meu irmão caçula
Iuron ⁶⁵	Jurú	Boca
Redimi va que ⁶⁶	Rendybá ába	Barba
Apelou ⁶⁷	Apecũ	Língua
Ram ⁶⁸	Rãnh(a)	Dente
Che aioeue ⁶⁹	Xeajúra	Meu pescoço
Poca ⁷⁰	Potιά	Peito
De ⁷¹	Ndé	Tu
Ahe ⁷²	Aé	Ele, ela
Orece ⁷³	Orée	Nós

⁶² Léry (1578: 364): “*Chè-aeue*. Mon chef ou mon cheueux”. Rodrigues (2009: 260): “**xé ába**, minha cabeça ou cabelos”.

⁶³ Léry (1578: 364): “*Ché-voua*. Mon visage”. Rodrigues (2009: 260); “**xé robá**, meu rosto”.

⁶⁴ Léry (1578: 369): “*Che-rebure*. Mon puisné”. Rodrigues (2009: 263): “**xé rýra**, meu irmão mais moço”.

⁶⁵ Léry (1578: 365): “*Chè-iourou*. Ma bouche”. Rodrigues (2009: 260): “**xé juru**, minha boca”.

⁶⁶ Léry (1578: 365): “*Chè-redmiua-aué*. Ma barbe”. Rodrigues (2009: 260): “**xé rendybáába**, minha barba”.

⁶⁷ Léry (1578: 365): “*Ché-ape-cou*. Ma langue”. Rodrigues (2009: 160): “**xé apecũ**, minha língua”.

⁶⁸ Léry (1578: 365): “*Chè-ram*. Mes dents”. Rodrigues (2009: 260): “**xé rãnh**, meus dentes”.

⁶⁹ Léry (1578: 365): “*Ché-aiouré*. Mon col ou ma gorge”. Rodrigues (2009: 260): “**xé ajúra**, meu pescoço ou minha garganta”.

⁷⁰ Léry (1578: 365): “*Ché-poca*. Ma poitrine”. Rodrigues (2009:260): “ **xé potιά**, meu peito”.

⁷¹ Léry (1578: 366 [erroneamente impresso como “352”]): “*Dè*. toy”. Rodrigues (2009: 262): “**ndé**, você”.

⁷² Léry (1578: 366 [erroneamente impresso como “352”]): “*Ahé*. luy. Quant à la tierce personne du singulier *ahe* est masculin & pour le féminin & neutre *ae* sans aspiration”. Rodrigues (2009: 262): “**ahē**, ele. Quanto à terceira pessoa do singular, *ahe* (ahē) é masculino, e para o feminino e neutro *ae* (a’ê) sem aspiração”.

⁷³ Léry (1578: 366 [erroneamente impresso “352”]): “*Oree*. Nous”. Rodrigues (2009: 262): “**oré**, nós”.

Pee ⁷⁴	Peẽ	Vocês
Auue ⁷⁵	Auã	Eles
Emiredutata ⁷⁶	Emoendýtatá	Acenda o fogo
Emegoeptata ⁷⁷	Emoguéb tatá	Apaga o fogo!
Emogi peru ⁷⁸	Emojýb pirá	Cozinhe o peixe
Esiessa ⁷⁹	Ececýr	Asse-o
Coceri vpe ⁸⁰	Ecuái ýpe	Vá à fonte
Erot vi chesai ⁸¹	Erúr y xeuséi	Traze água, tenho sede
Cherenue augepe ⁸²	Xe... ojepé	Dá-me de beber
Querema sheremyourecoap ⁸³	Keremé xeremiúerocuáb	Depressa, passe-me a comida
Tace poch ⁸⁴	Tajepoéi	Que eu lave as mãos

⁷⁴ Léry (1578: 366 [erroneamente impresso “352”]): “*Peè. Vous*”. Rodrigues (2009: 262): “**pe’ẽ**, vocês”.

⁷⁵ Léry (1578: 366 [erroneamente impresso “352”]): “*Au-ae. Eux. Et au pluriel Au-ae est pour les deux genres tant masculins que feminins: & par consequent peut estre commun*”. Rodrigues (2009: 262): “**auã ae**, eles. E no plural *Au-ae (auã ae)* é para os dois gêneros, tanto masculino quanto feminino e, portanto, pode ser comum”.

⁷⁶ Léry (1578: 367): “*Emiredu-tata. Allume le feu*”. Rodrigues (2009: 262): “**eimoený tatá**, acenda o fogo”.

⁷⁷ Léry (1578: 367): “*Emo-goep tatá. Estein le feu*”. Rodrigues (2009: 262): “**eimoguéb tatá**, apague o fogo”.

⁷⁸ Léry (1578: 367): “*Emogip-pira. Fay cuire le poisson*”. Rodrigues (2009: 262): “**eimojýb pirá**, faça cozer o peixe”.

⁷⁹ Léry (1578: 367): “*Essessit. Rosti-le*”. A grafia apresentada por Dudley difere muito da de Léry, mas essa palavra vem na mesma sequência da obra do autor francês. Rodrigues (2009: 262): “**esesýr**, asse-o”.

⁸⁰ Léry (1578: 367): “*Coein vpé. Va à la fontaine*”. Rodrigues (2009: 262): “**ecuái ‘ýpe**, vá à fonte (vá ao rio)”.

⁸¹ Léry (1578: 367): “*Erout-v-ichesue. Apporte moy de l’eau*”. Rodrigues (2009: 262): “**erúr ‘ý ixébe**, traga-me água”.

⁸² Léry (1578: 367): “*Ché-renni-auge-pe. Donne moy à boire*”. Rodrigues (2009: 262): “**xé re’ým jepé**, dê-me de beber”.

⁸³ Léry (1578: 367): “*Quere-me-che-remyou-recoap. Viẽ moy donner à manger*”. Rodrigues (2009: 262): “**keremé xé remi’úerocuáb**, venha dar-me de comer (depressa, passe-me a comida)”.

⁸⁴ Léry (1578: 367): “*Taie-poeh. Que ie laue mes mains*”. Rodrigues (2009: 262): “**tajepoéi**, que eu lave as mãos”.

Che embouasi ⁸⁵	Xeambyasý	Estou com fome
Cherace ⁸⁶	Xeryái	Suo
Cheron ⁸⁷	Xeroý	Estou com frio
Cheracoup ⁸⁸	Xeracúb	Tenho febre
Checaroe ⁸⁹	Xecarucacý	Estou triste, saudoso
Caroue ⁹⁰	Carúca	Noite, tarde
Cheroemp ⁹¹	Xerorýb	Estou alegre
Chere ⁹²	Xeremimbuáia	Um criado (servidor)
Querre maliau ⁹³	Kyreymbába	Valente
Cherop ⁹⁴	Xerúb	Meu pai
Cherequeat ⁹⁵	Xerykeyr	Meu irmão mais velho
Renudire ⁹⁶	Rendýra	Irmã
Tacout ⁹⁷	Taiúr	Que eu venha

⁸⁵ Léry (1578: 367): “*Ché emboassi*. I’ay faim de manger”. Rodrigues (2009: 262): “**xé ambyacý**, tenho fome”.

⁸⁶ Léry (1578: 367): “*Ché-reaic*. I’ay chaud, ie sue”. Rodrigues (2009: 262): “**xé ryái**, tenho calor, suo”.

⁸⁷ Léry (1578: 367): “*Chè-roü*. I’ay froid”. Rodrigues (2009: 262): “**xé ro’ý**, tenho frio”.

⁸⁸ Léry (1578: 367): “*Ché-racoup*. I’ay la fièvre”. Rodrigues (2009: 262): “**xé racúb**, tenho febre”.

⁸⁹ Incompleto em Dudley. Em Léry (1578: 367) lemos: “*Ché-carouc-assi*. Je suis triste”. Rodrigues (2009: 263): “**xé carucacý**, estou triste (estou saudoso). Apesar de carouc (carúc) significar a tarde”.

⁹⁰ Léry (1578: 367): “Neantmoins que *carouc* signifie le vespre ou le soir” (Apesar de carouc (carúc) significar a tarde”). (Referência à expressão *Ché-carouc-assi*).

⁹¹ Léry (1578: 368): “*Cheroemp*. Je suis ioyeux”. Rodrigues (2009: 263): “**xé rorýb**, estou alegre”.

⁹² Incompleto em Dudley. “*Mon seruiteur*”. Rodrigues (2009: 263): “**xé reimimbuáia**, meu escravo”.

⁹³ Léry (1578: 368): “*Querre-mubau*. Vn puissant en la guerre & qui est vaillât à faire quelque chose”. Rodrigues (2009: 263): “**kyre’ymbába**, um poderoso na guerra e que é valente para fazer qualquer coisa”.

⁹⁴ Léry (1578: 368): “*Chè-roup*. Mon pere”. Rodrigues (2009: 263): “**xé rúb**, meu pai”.

⁹⁵ Léry (1578: 369): “*Chè-requeyt*. Mon frère aisné”. Rodrigues (2009: 263): “**xé ryke’ýr**, meu irmão mais velho”.

⁹⁶ Léry (1578: 369): “*Chè-renadire*. Ma soeur”. Rodrigues (2009: 263): “**xé rendýra**, minha irmã”.

⁹⁷ Léry (1578: 375): “*Ta-iout*, Que ie vienne”. Rodrigues (2009: 267): “**jajúr**, que eu venha”.

Tipet ⁹⁸	Ietipér	Filha da irmã
Aica ⁹⁹	Aixé	Tia
Chesi ¹⁰⁰	Xecý	Minha mãe
Sur ¹⁰¹	Cyýr	Madrasta
Cheraijt ¹⁰²	Xerajýr	Minha filha
Ramemynon ¹⁰³	Remiminõ	Neto
Aico ¹⁰⁴	Aicó	Eu sou
Ereuo ¹⁰⁵	Ereicó	Tu és
Oico ¹⁰⁶	Oicó	Ele é
Oreico ¹⁰⁷	Oroicó	Nós somos
Peico ¹⁰⁸	Peicó	Vós sois
Auree aico ¹⁰⁹	Auãae oicó	Eles são
Aico ay quente ¹¹⁰	Aicó acuéime	Eu estava então

⁹⁸ Léry (1578: 369): “*Chè-tipet*. La fille de ma soeur”. Rodrigues (2009: 264): “**xé jetipér**, a filha de minha irmã”.

⁹⁹ Léry (1578: 369): “*Chè-aiché*. Ma tante”. Rodrigues (2009: 264): “**xé aixé**, minha tia”.

¹⁰⁰ Léry (1578: 369): “*Ai*. Ma mere. On dit aussi *Ché-si* ma mere & le plus souuent en parlant d’elle”. Rodrigues (2009: 264): “**a’í**, minha mãe. Diz-se também *Ché-si* (**xé sý**), minha mãe, e mais frequentemente quando se fala dela”.

¹⁰¹ Léry (1578: 369): “*Ché-siit*, La compagne de ma mere qui est femme de mon pere comme ma mere”. Rodrigues (2009: 264): “**xé sy’yír**, a companheira de minha mãe, que é mulher de meu pai com minha mãe”.

¹⁰² Léry (1578: 369): “*Chè-raiit*. Ma fille”. Rodrigues (2009: 264): “**xé rajýr**, minha filha”.

¹⁰³ Léry (1578: 369): “*Chérememynou*. Les enfants de mes fils & de mes filles”. Rodrigues (2009: 264): “**xé rymiminõ**, os filhos de meus filhos e de minhas filhas”.

¹⁰⁴ Léry (1578: 369): “*Aico*. Je suis”. Rodrigues (2009: 264): “**aicó**, eu estou”.

¹⁰⁵ Léry (1578: 369): “*Ereico*, Tu es”. Rodrigues (2009: 264): “**ereicó**, você está”.

¹⁰⁶ Léry (1578: 369): “*Oico*. Il est. La tierce personne du singulier & pluriel sont semblables, excepté qu’il faut adioster au pluriel *an-ae* pronõ, qui signifie eux aussi qu’il appert”. Rodrigues (2009: 264): “**oicó**, ele está. As terceiras pessoas do singular e do plural são semelhantes, salvo que é preciso acrescentar ao plural *na ae* (auãae), pronome que significa eles, como se vê”.

¹⁰⁷ Léry (1578: 370): “*Oroico*. Nous sommes”. Rodrigues (2009:264): “**oroicó**, nos estamos”.

¹⁰⁸ Léry (1578: 370): “*Peico*, Vous estes”. Rodrigues (2009: 264): “**peicó**, vocês estão”.

¹⁰⁹ Léry (1578: 370): “*Aurae oico*, Ils sont”. Rodrigues (2009: 264): “**auãae oicó**, eles estão”.

¹¹⁰ Léry (1578: 370) traz “Plurier imparfait. *Oroico aquoémè*. Nous estions alors. *Peico aquoémè*. Vous estiez alors. *Aurae-oico-aquoémè*. Ils estoient alors”. Na tradução de Dudley o tempo verbal está no futuro, mas diz Léry (1578: 371): “Pour le temps à venir que l’on appelle Futur. *Aico-irén*, Je seray pour l’auenir. Et en ensuyuant des autres personnes

Acoire ¹¹¹	Aicó irã	Eu serei
Tauge ¹¹²	Taujé	Basta!
Taico deiron ¹¹³	Taicó ndeirũ	Que eu esteja contigo
Aiout ¹¹⁴	Aiúr	Eu vim
Ereiout ¹¹⁵	Ereiúr	Tu vieste
Oout ¹¹⁶	Oúr	Ele veio
Oreiout ¹¹⁷	Oroiúr	Nós viemos
Andeout ¹¹⁸	Auããe oúr	Eles vieram
Aiout agoueme ¹¹⁹	Aiúr acuéime	Eu vinha então

comme deuant, tant au singulier qu’au pluriel”. Rodrigues (2009: 264): “**aicó acuéime**, nós estávamos então. *Peico quoémé (peicó acuéime)*, vocês estavam então. *Aurae-oico-aquoémé (auããe oicó acuéime)*, eles estavam então”.

¹¹¹ Léry (1578: 371): “Pour le temps à venir que l’on appelle Futur. *Aico-irén*, Je seray pour l’auenir. Et en ensuyuant des autres personnes comme deuant, tant au singulier qu’au pluriel”. Rodrigues (2009: 264): “para o tempo por vir, que chamamos futuro: *Aico-irén (aicó irã)*, eu estarei no futuro. E fazendo-se seguir das outras pessoas como acima, tanto no singular como no plural”.

¹¹² Léry (1578: 173): “Que si au contraire il ne luy plaisoit pas, & qu’on ne luy eust riẽ voulu bailler, si tost qu’elle auoit dit vn peu rudement à cest oiseau *Augé, c’est à dire cesse...* [nossa ênfase] e Léry (1578: 371): “*Toroico*. Que nous soyons. *Tapeico*. Que vous soyez. *Aurae-toico*. Qu’ils soyent. Et pour le Futur il ne faut qu’adiouster *Iren* ainsi que deuant. Et si en commandant pour le present. Il faut dire *Taugé*, qui est à dire tout maintenant”. Rodrigues (2009: 265): “**toroicó**, que nós estejamos. *Tapeico (tapeicó)*, que vocês estejam. *Aurae toico (auããe toicó)*, que eles estejam. E para o futuro, basta acrescentar *Iren (irã)*, como acima. E dando ordem para o presente, deve-se dizer *Taugé (taujé)*, que quer dizer ‘agora mesmo’”.

¹¹³ Léry (1578: 372): “*Taico-de-iron*. Que ie soye auec toy & ainsi des semblables”. Rodrigues (2009: 265): “**taicó ndé irũmo**, que eu esteja com você”.

¹¹⁴ Léry (1578: 373): “*Aiout*. Je viens, ou ie suis venu”. Rodrigues (2009: 266): “**ajúr**, eu venho ou eu vim”.

¹¹⁵ Léry (1578: 373): “*Ereiout*. Tu viens, ou es venu”. Rodrigues (2009: 266): “**erejúr**, você vem ou veio”.

¹¹⁶ Léry (1578: 373): “*O-out*. Il vient, ou est venu”. Rodrigues (2009: 266): “**our**, ele vem ou veio”.

¹¹⁷ Léry (1578: 373): “*Ore-iout*. Vous venez, ou estes venus”. Rodrigues (2009: 266): “**orojúr**, nós vimos ou viemos”.

¹¹⁸ Léry (1578: 373): “*An-ae-o-out*. Viennent, ou sont venus”. Rodrigues (2009: 266): “**auããe our**, eles vêm ou vieram”.

¹¹⁹ Léry (1578: 373): “*Aiout-aguoème*. Je venoye alors”. Rodrigues (2009: 266): “**Ajúr acuéime bé**, eu vinha então”.

Aiout iran ¹²⁰	Aiúrirã	Eu virei
Emoout ¹²¹	Emour	Faça vir
Peori ¹²²	Pejóri	Venham
Aiout mo ¹²³	Aiúrmo	Eu viria
Enegouere ¹²⁴	Angoéra	Alma fora do corpo
Ranggere ¹²⁵	Anhangoéra	Demônio
Tavvme ¹²⁶	Túreme	Vindo ele
Inubya ¹²⁷		Flauta, Inúbia

¹²⁰ Léry (1578: 373): “*Aiout-Iran-nè*. Je viendrai vn certain iour aussi on peut dire *Iran* sans y adioster, *nè*, ains comme la phrase ou maniere de parler le requiert”. Rodrigues (2009: 266): “**ajúr irãne**, eu virei algum dia; também se pode dizer Iran (**irã**), sem acrescentar *nè* (**ne**), conforme o requiera a frase ou maneira de falar”.

¹²¹ Léry (1578: 374): “*Emo-out*. Fay le venir”. Rodrigues (2009: 267): “**eimour**, faça-o vir”.

¹²² Léry (1578: 374): “*Pe-ori*. Venez”. Rodrigues (2009: 267): “**pejóri**, venham vocês”.

¹²³ Léry (1578: 374): “*Aiout-mo*. Je voudrois ou serois venu volontiers. Em poursuyât les personnes comme en la declinaison de l’Indicatif. Il a vn temps à venir, em adiostant l’Aduerbe, comme dessus”. Rodrigues (2009: 267): “**ajúrmo**, eu viria ou teria vindo de bom grado, seguindo as pessoas como na declinação do indicativo. Ele tem um tempo futuro, acrescentando o advérbio, como acima”.

¹²⁴ Léry (1578: 366): “*Che-enc-gouere*, Mon ame apres quelle est sortie de mon corps”. Rodrigues (2009: 261): “**xé ánguéra**, minha alma depois que ela saiu de meu corpo”.

¹²⁵ Léry (1578: 263): “Surquoy ie diray que ces poures gens durant leurs vies sont aussi tellement affligez de ce malin esprit [Aygnan] (lequel autrement ils nomment *Kaaguerre*)...”.

¹²⁶ Léry (1578: 375): “*Touume*. Venant”. Rodrigues (2004: 267): “**túreme**, vindo”.

¹²⁷ Léry (1578: 375): “*Inuby-a*. Des cornets de bois dont les Sauuages cornent”. Em Léry (1578: 227) lê-se também:

**Au surplus tant au desloger de leurs
 pays qu’au departir de chacun lieu ou ils
 sejournerent: afin d’aduertir & tenir les
 autres en ceruelle, il y en a tousiours quel
 ques vns qui avec des Cornets qu’ils nõ-
 ment *Inubia*, de la grosseur & longueur *Inubia*
 d’vne demie pique, mais par le bout d’em *grands*
 bas large d’environ demi pied comme vn *cornets*.
Haubois, sonnent au milieu des troupes:**

Ou, na tradução (muito livre) de Sérgio Milliet (*in* Léry, 1980: 187):

“Tanto no momento da partida como ao levantar acampamento onde pousam, surgem indivíduos armados de cornetas da grossura de um oboé e de quase um pé e meio de largura na extremidade inferior, a que chamam *inybia** (*Aqui Plínio Ayrosa inseriu a seguinte nota de rodapé: ‘Em obediência à prosódia francesa deveríamos grafar, com mais correção, *inybiá*. A corneta, tal como a referida por Léry, era chamada *mimbyapá*, isto é, instrumento

Neui ¹²⁸	Neĩ	Ora, vamos
Ascoe ¹²⁹	Aceóca	Garganta
Recape ¹³⁰	Racapé	Afrente em geral

de sopro, torto, encurvado; nos vocabulários do tupi da costa aparece a forma *memby*, evidente alteração de *mimby*. A pronúncia dessa palavra, vulgar no Brasil, parece-nos errônea. Os franceses escrevendo *inubia* indicavam claramente a pronúncia *inybiá* e não *inúbia* ou *janúbia*. Gonçalves Dias (Poesias Americanas, ed. Garnier, t. II, 113) fala em *cantos da janúbia...*). Esses indivíduos tocam no meio das tropas ...”.

Cunha (1978: 155) comentou que “Embora já documentada no séc. XVIII [1781] com a acepção de ‘corneta usada dos brasilienses’, a palavra *inúbia* não parece de origem tupi”; cita alguns autores que usaram esse vocábulo: Durão (Caramuru, 1781), José de Alencar, Bernardo Guimarães, Coelho Neto, Lima Barreto e Monteiro Lobato. Cunha assinalou que José de Alencar, em *Iracema*, havia citado Léry, mas não foi buscar o trecho no livro do francês. Segundo Barbosa Rodrigues (1881: 36):

“O principal instrumento de guerra é o *mymby-tareré* dos tupys, que, segundo a tribo, toma diferentes nomes pelos seus dialectos. É a *janubia* de Gonçalves Dias, a *inubya* de Léry. Este, não compreendendo o valor das letras, escreveu mal, e aquelle, lendo errado a palavra, formou outra. Gonçalves Dias leu a palavra de Léry com o *y* breve, e fez *janubia*, quando é *mymby* com *y* longo”. Gonçalves Dias (1851: 7) grafou *janubia*:

“E a caça leda e rápida
Por serras, por devesas,
E os cantos da janubia
Junto às lenhas accesas,
Quando o tapuya misero
Seos feitos vai cantar”.

E à página 290 o poeta acrescentou esta nota: “Janubia – Léry escreve diversamente: – des cornets, qu’ils nomment inubia de la grossuer [sic] et longueur d’une demie pique, mais par le bout d’embas d’environ un demi pied comme un hautbois. – *Obra* cit. Pág. 202”.

O mesmo autor (Gonçalves Dias 1867:182; 1909:190-191), grafou tanto *janubia* quanto *inubia*, ao tratar dos instrumentos musicais dos tupis: “Por instrumentos tinham o *maracá* ou o fructo da coloquintida cheio de buzios, conchas, ou pedrinhas, com um hastil, ornado de plumas: tinham flautas feitas de ossos de finados, a que o padre Vasconcellos chama *cangoera*, e Morisot, o anotador de Roulox Baro ‘*Tibiae canguaca*’; outras flautas feitas de conchas *membi*, as maiores, *membi guassú*; as de canna, *membi apara*; *urucá* feita de certa concha; o *muremuré*, assim chamado pelo som que soltava; o *boré*, feito de páo oco; **a *janubia* ou *inúbia*, que era a sua trompa de guerra...**”. Seja qual for a origem de *inúbia*, Léry foi o único autor a citar originalmente o vocábulo, copiado depois por Dudley.

¹²⁸ Léry (1578: 375): “*Ta-iout*. Que ie vienne. Mais pour mieux emplir la significatiõ on adiouste ce mot *Nein, qui est vn Aduerbe pour exhorter, commander, inciter ou deprier* [nossa ênfase]”. Rodrigues (2009: 247): “**ne’í**, vamos!”.

¹²⁹ Léry (1578: 365): “*Ché-asseoc*. Mon gosier”. Rodrigues (2009: 260): “**ace’óca**, minha goela”.

¹³⁰ Léry (1578: 365): “*Ché-rocapè*. Mon deuant generalemêt”. Rodrigues (2009: 260): “**aé racapé**, minha frente em geral”.

Rousboni ¹³¹	Rumbý	Lombo
Reuire ¹³²	Rebíra	Nádegas
Inuan poni ¹³³	Jybáypý	Espáduas
Inua ¹³⁴	Jybá	Braço
Po ¹³⁵	Pó	Mão
Ponea ¹³⁶	Puã	Dedo da mão
Puyac ¹³⁷	Pyá	Estômago
Poron asseu ¹³⁸	Puruã	Umbigo
Cam ¹³⁹	Cama	Peito de mulher
Roduponam ¹⁴⁰	Rendypyã	Joelho
Pouy ¹⁴¹	Pý	Pé
Pussempi ¹⁴²	Pyãpé	Unhas do pé
Ponempe ¹⁴³	Puãpé	Unhas da mão
Gugency ¹⁴⁴	Nhyã	Coração

¹³¹ Léry (1578: 365): “*Ché-rouibony*. Mes reins”. Rodrigues (2009: 260): “**xé rumbý**, meus rins”.

¹³² Léry (1578: 365): “*Ché-reuirè*. Mes fesses”. Rodrigues (2009: 261): “**xé rebíra**, minhas nádegas”.

¹³³ Léry (1578: 365): “*Ché-inuanpony*. Mes espauls”. Rodrigues (2009: 261): “**xé jybáypý**, minhas espáduas”.

¹³⁴ Léry (1578: 365): “*Ché-inua*. Mes bras”. Rodrigues (2009: 261): “**xé jybá**, meus braços”.

¹³⁵ Léry (1578: 365): “*Ché-po*. Rodrigues (2009: 261): “**xé pó**, minha mão”.

¹³⁶ Léry (1578: 365): “*Ché-poneu*. Mes doigts” (1594: 289). Rodrigues (2009: 261): “**xé puã**, meus dedos”.

¹³⁷ Léry (1578: 365): “*Ché-puyac*. Mon estomac ou foye”. Rodrigues (2009: 261): “**xé py’á**, meu estômago ou fígado”.

¹³⁸ Léry (1578: 365): “*Ché-pourou-assen*. Mon nombril”. Rodrigues (2009:261): “**xé puru’ãçáma**, meu umbigo (meu cordão umbilical)”.

¹³⁹ Léry (1578: 365): “*Ché-cam*. Mes mamelles”. Rodrigues (2009: 261): “**xé cama**, meus seios”.

¹⁴⁰ Léry (1578: 365): “*Ché-roduponam*. Mes genoux”. Rodrigues (2009:261): “**xé rendypyã**, meus joelhos”.

¹⁴¹ Léry (1578: 365): “*Ché-pouy*. Mes pieds”. Rodrigues (2009: 261): “**xé pý**, meus pés”.

¹⁴² Léry (1578: 365): “*Ché pussempé*. Les ongles de mes pieds”. Rodrigues (2009: 261): “**xé pyçãpé**, as unhas de meus pés”.

¹⁴³ Léry (1578: 366): “*Che-ponampe*. Les ongles de ma main”. Rodrigues (2009: 261): “**xé puãpé**, as unhas de minhas mãos”.

¹⁴⁴ Léry (1578: 366): *Che-guy-encg*. Mon Coeur & poulmon”. Rodrigues (2009: 261): “**xé nhy’ã**, meu coração e pulmão”.

Eney ¹⁴⁵	Anga	Alma
Recouen ¹⁴⁶	Racuãnh(a)	Membro viril
Aignen ¹⁴⁷	Anháng(a)	Demônio

145146147

¹⁴⁵ Léry (1578: 366): “*Che-encg*. Mon ame, ou ma pensee”. Rodrigues (2009: 261): “**xé ânga**, minha alma ou meu pensamento”.

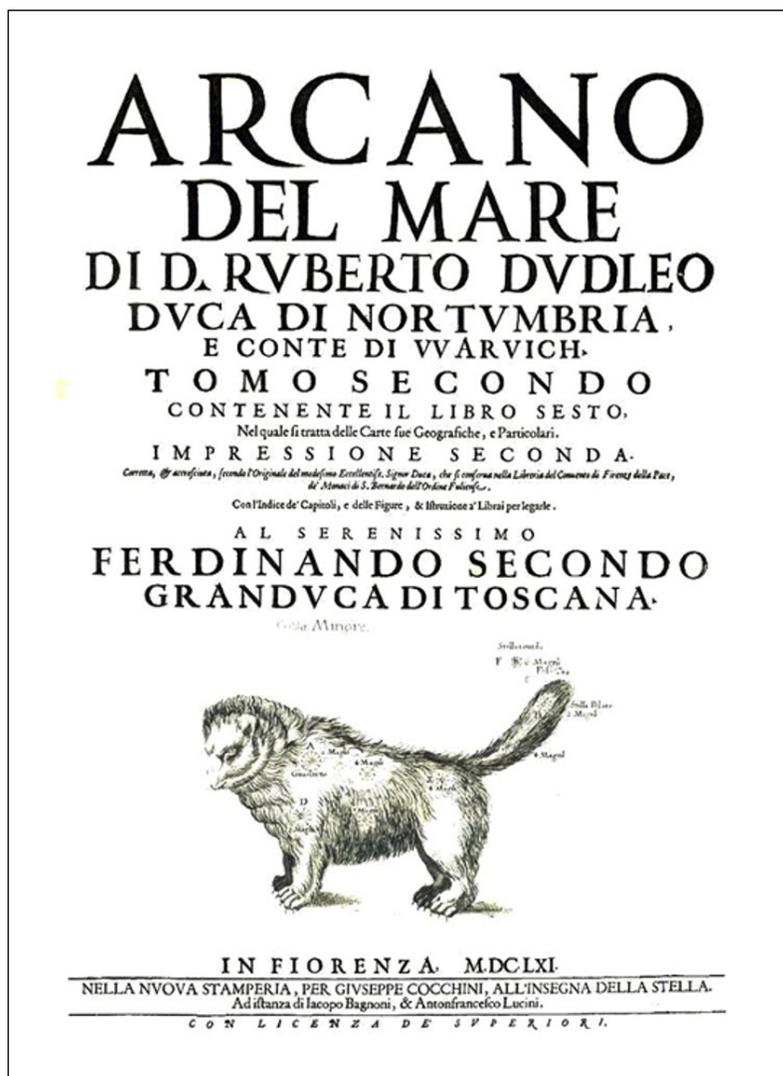
¹⁴⁶ Léry (1578: 366): “*Che-rencouem*” [Um dos ‘Noms des parties du corps qui ne sont honnestes à nommer’]. Rodrigues (2009: 261): “**xé racuãnh**, meu pênis”.

¹⁴⁷ Léry (1578: 233): “Et de fait ie croy que s’ils voyoyēt vn de nos Gēdarmes bien monte & arme avec la pistole au poing faisant bondir & passer son cheual, qu’en voyant sortir le feu d’vn costé & la furie de l’homme & du cheual de l’autre, de prime face ils pēseroyent que ce fut *Aygnan*, cest à dire le diable em leur langage”; Léry (1578: 262-264) “Toutefois pour commencer à declarer ce qui leur reste de lumiere, ie diray en premier lieu: qu’au milieu de ces espesses tenebres d’ignorāce ou ils sont detenus, que non seulemēt ils croyēt l’immortalité des ames, mais aussi ils tiēnent fermement qu’apres la mort des corps celles de ceux qui ont vertueusement vescu, cest à dire selon eux qui se sont bien vengez & ont beaucoup mangez de leurs ennemis, s’en vont derriere les hautes montagnes ou elles dansent dās de beaux iardins avec celles de leurs grands Peres (ce sont les champs Elisiens des Poetes) & au contraire que celles des effeminez & gens de neant qui n’ont tenu conte de defendre la patrie vont avec *Aygnan*, ainsi nomment ils le diable en leur langage, ou elles sont incessamment tormentees. Surquoy ie diray que ces poures gens durant leurs vies sont aussi tellement affligez de ce malin esprit (lequel autrement ils nomment *Kaagerra*) que comme i’ay vue par plusieurs fois, mesmes ainsi qu’ils parloyēt à nous, se sentans tormentez, & crians tout soudain comme enragez, nous disoyent helas defendez nous d’*Aygnan* qui nos bat: voire disoyent que visiblement ils le voyoyent tantost en guise de beste, d’oyseaux, ou d’autres formes estranges. Et parce qu’ils s’esmerueilloient bien fort de voir que nous n’en estions point assaillis, quand nous leur disions que telle excēption venoit de Dieu duquel nous leur parliōs si souuent lequel estāt sās cōparaisō pl.^o fort qu’*Aignā* gardoit qu’il ne nous pouuoit ni molester ni mal faire, il est aduenu quelque fois qu’eux se voyans pressez promettoyent d’y croire comme nous: mais suyuant le prouerbe qui dit, que le danger passe on se moque du saint, si tost qu’ils estoient deliurez, ils ne se soucioyent plus de leurs promesses. Toutefois, pour monstrer que ce n’est pas ieu, ie leur ay véu souuent tellement apprehender cette furie infernale, que quand ils se ressouuenoyent de ce qu’ils auoyent enduré par le passe frappans des mains sur leurs cuisses, voire de destresse ayans la sueur au front, em se cōplaignans à moy ou à autre de nostre cōpagnie, ils disoyēt. *Mair Atou-assap*. *Acequeiey Aygnan atoupaué*, c’est à dire François mō ami, ou mō parfait allié, ie crain le diable, ou l’esprit malin, que toute autre chose. Que si au contraire celuy auquel ils s’adressoyent leur disoit. *Nacequeiey Aygnan*, c’est à dire ie ne le crain point moy: en desplorant leur condition ils respondoyent: helas que nous serions heureux si nous estions comme vous autres. Il faudroit croire & nous vous assurer comme nous faisons en celuy qui est plus puissant queluy, repliquions nous: mais comme i’ay dit quelques protestations qu’ils fissent d’ainsi le faire, tout cela s’esuanoissoit incontinent de leur cerueau”; Léry (1578: 338) “dés la premiere nuit d’apres qu’vn corps, à la façon que vous auez entendu, a esté enterré, eux croyans fermemēt que si *Aygnan*, c’est à dire le diable em leur lāgue ne trouoit d’autres viandes toutes prestes aupres, qu’il le deteereroit & mangeroit, nō seulement ils mettent de grands plats de terre pleins de farines, volailles, poissons & autres viandes bien

Agradecimentos

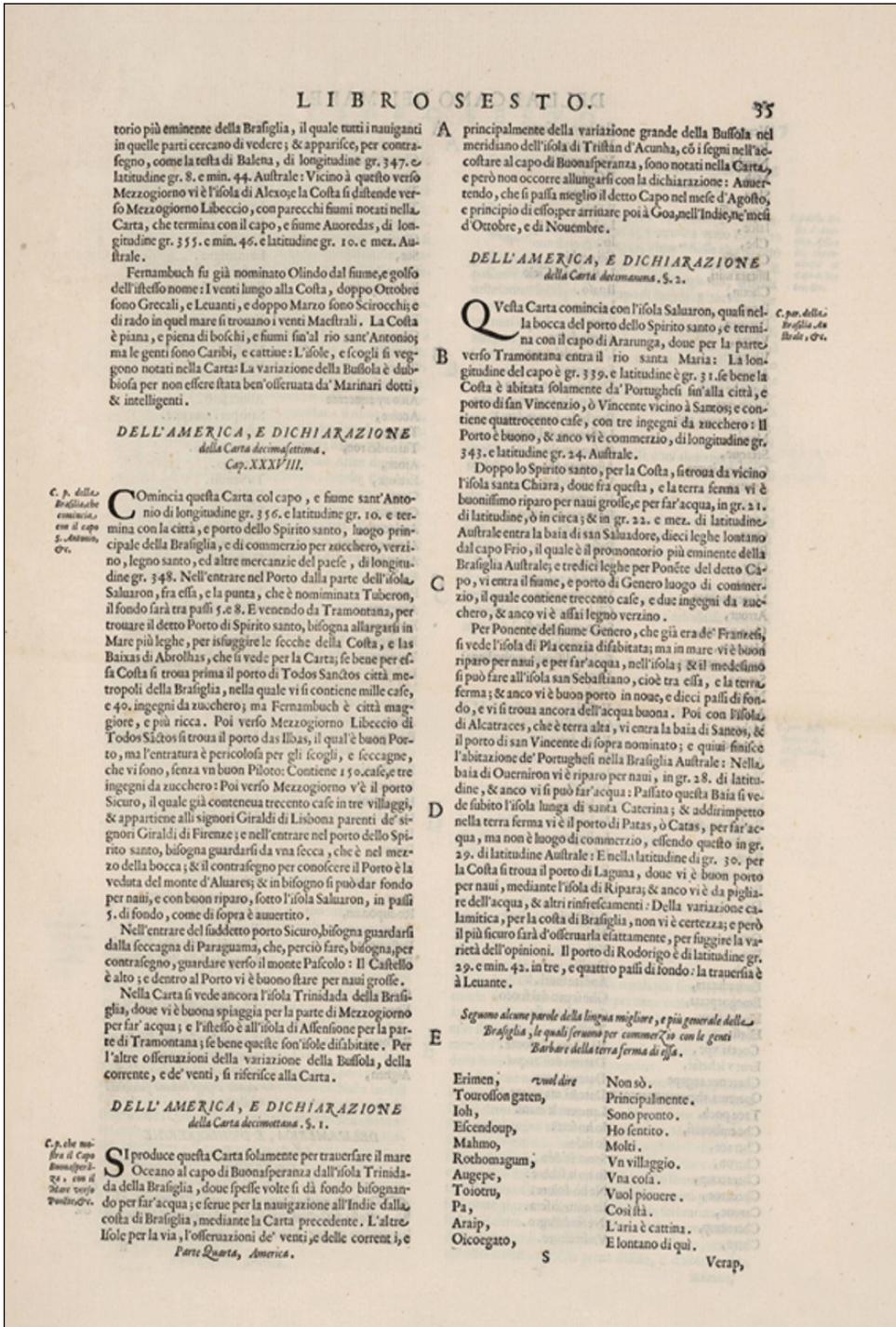
À Profa. Dra. Cândida Barros (Museu Paraense Emílio Goeldi), por críticas e sugestões. Ao CNPq pelo apoio que vem prestando às pesquisas do autor sênior nos últimos anos.

Figura 18 - Frontispício do segundo volume do *Arcano del Mare* (2ª. edição) de Dudley (1661)



cuités avec de leur breuuage dit *Caouin* sus la fosse du defüct, mais aussi isqu'à ce qu'ils pensent que le corps soit entierement pourri, ils continuent à faire tels seruices, vrayement diaboliques”.

Figura 19 - Vocabulário tupinambá (Dudley, 1661: 34)



Referências

- Adams, S. 2008a. Dudley, Sir Robert (1574-1649). *Oxford Dictionary of National Biography*. Oxford, Oxford University Press.
- Adams, S. 2008b. Sheffield, Douglas, Lady Sheffield (1542/3-1608). *Oxford Dictionary of National Biography*. Oxford, Oxford University Press.
- d'Angelo, M. 2004. *Mercanti inglese a Livorno 1573-1737, Alle origini di una "British Factory"*. Messina, Istituto di Studi Storici Gaetano Salvemini.
- Anônimo, 1829a. Travellers' tales. *The New Monthly Magazine and Literary Journal* 1829 (Part II.Original papers): 143-157, London [Menção a William Davies e ilha de Morria à p. 152].
- Anônimo. 1829b. Tales of travellers. *American Masonick Record and Albany Saturday Magazine. Being a periodical journal, devoted to masonry, arts and sciences, biography, sketches of character, manners and customs, popular tales, miscellany, poetry, literary and political news, &c. &c.* 3 (4): 316-317, Albany. N. Y. [Menção a William Davies e ilha de Morria].
- Barão do Rio Branco. 2012. *Obras do Barão do Rio Branco IV. Questões de limites. Guiana Francesa. Segunda Memória*. Brasília, D. F., Fundação Alexandre de Gusmão, Ministério das Relações Exteriores.
- Barbosa Rodrigues, J. 1881. O canto e a dança selvícola. *Revista Brasileira* 9: 32-60, Rio de Janeiro.
- Braudel, F. 1966. *La Méditerranée et le monde méditerranéen a l'époque de Philippe II. Seconde édition revue et augmentée. Tome premier*. Paris, Librairie Armand Colin.
- Cunha, A. G. da. 1978. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. São Paulo, Edições Melhoramentos & Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura.
- Davies, W. 1614. *A true relation of the travailes and most miserable captiuitie of William Dauies, barber-surgion of London, vnder the Duke of Florence. VWherein is truly set downe the manner of his taking, the long time of his slauierie, and meanes of his deliuerie, after eight yeeres, and ten moneths captiuitie in the gallies. Discovering many mayne lands, ilandes, riuers, cities, and townes, of the Christians and infidels, the condition of the people, and the manner of their country: with many more strange things, as in the booke is briefly and plainely expressed. By William Dauies, barber-surgion of London, and borne in the citie of Hereford*. London, Printed by [Thomas Snodham] for Nicholas Bourne.
- Davies, W. 1625. A Description and discouery of the Riuer of Amazons, pp. 1287-1288, in PURCHAS, S., *Pvrchas his Pilgrimes. In five bookes. The sixth, containing English voyages, to the east, west, and south parts of America: Many sea and land fights, inuasions and victories against the Spaniards in those parts, and the Spanish Ilands and coast towns on this side; plantations in Guiana, and many strange aduentures of English-men amongst the Americans. The seuenth, voyages to and about the Southerne America, with many marine obseruations and discoueries of*

those seas and lands, by English-men and others. The eighth, voyages and land-trauels in Florida, Virginia [sic], and other parts of the the Northerne America, French plantings, Spanish supplantings; English-Virginian voyages, and to the Ilands Azores. The ninth, English plantations, acts, and occurents, in Virginia and Summer Ilands, since the yeere 1606. till 1624. The tenth, English discoveries and plantations in New England, New-found-land; with the Patent and voyages to New Scotland; relations also of the fleets set forth by Queen Elizabeth against the Spaniards. The Fourth Part. London, Printed by William Stabsby, for Henrie Fetherstone.

Davies, W. 1745. *A true relation of the travels and most miserable captivity of William Dauies, barber-surgion of London, under the Duke of Florence. Wherein is truly set down the manner of his taking, the long time of his slaverie, and means of his delivery, after eight years and ten months captivity in the gallies. Discovering many main lands, islands, rivers, cities, and towns, of the Christians and infidels, the condition of the people, and the manner of their country: with many more strange things, as in the book is briefly and plainly expressed, pp. 475-488, in OSBORNE, T.. A collection of voyages and travels, consisting of authentic writers in our own tongue, which have not before been collected in English, or have only been abridged in other collections. And continued with others of note, that have published histories, voyages, travels, journals of discoveries in other nations and languages, relating to any part of the continent of Asia, Africa, America, Europe, or the islands thereof, from the earliest account to the present time. Digested according to the parts of the world, to which they particularly relate: With historical introductions to each account, where thought necessary, containing either the lives of the authors, or what else could be discovered and was supposed capable of entertaining and informing the curious reader. And with great variety of cuts, prospectes, ruins, maps, and charts. Compiled from the curious and valuable library of the late Earl of Oxford. Interspersed and illustrated with notes, containing either a general account of the discovery of those countries, or an abstract of their histories, government, trade, religion, &c., collected from original papers, letters, charters, letters patents, acts of parliament, &c., not to be met with, and proper to explain many obscure passages in other collections of this kind. Vol. I. London, Thomas Osborne.*

Dudley, R. 1646-1648. *Dell'Arcano del Mare di D. Ruberto Dudleo Duca di Nortumbria e Conte de VVarwich libri sei; nel primo de' quali si tratta della longitudine praticabile in diversi modi, d'invenzione dell'autore. Nel secondo, delle carte sue generali, e de' portolani rettificati in longitudine, e latitudine. Nel terzo, della disciplina sua maritima, e militare. Nel quarto, dell'architettura sua nautica di vascelli da guerra. Nel quinto, della navigazione scientifica, e perfetta, cioè spirale, ò di gran circoli. Nel sesto, delle carte sue geografiche, e particolari. Al Serenissimo Secondo Gran Duca di Toscana suo Signore. Firenze, Nella Stamperia di Francesco Onofri.*

Dudley, R.. 1661. *Arcano del Mare di D. Ruberto Dudleo Duca di Nortumbria, e Conte di Warwich : Tomo Secondo contenente il Libro Sesto, nel quale si tratta delle Carte sue Geografiche, e Particolari. Impressione Seconda. Corretta & accresciuta, secondo l'originale del medesimo Eccellentiss. Signor Duca, con l'indice de' Capitoli, e delle figure, & istruzione a' librai per legarle. Al Serenissimo*

- Ferdinando Secondo Granduca di Toscana*. Fiorenza, Nella Nuova Stamperia, per Giuseppe Cocchini. [Disponível na *Biblioteca Digital Hispánica*].
- Dudley, R. 1904. A Voyage of the honourable Gentleman M. Robert Duddeley, now knight, to the isle of Trinidad, and the coast of Paria: with his returne home by the Isles of Granata, Santa Cruz, Sant Juan de Puerto rico, Mona, Zacheo, the shoals called Abrejos, and the isle of Bermuda. In which voyage he and his company tooke and sunke nine Spanish ships, whereof one was an armada of 600 tunnes. Written at the request of M. Richard Hakluyt, pp. 203-212, in HAKLUYT, R., *The Principal navigations voyages traffiques & discoveries of the English nation. Made by sea or over-land to the remote and farthest distant quarters of the Earth at any time within the compasse of these 1600 yeeres*. Glasgow, James MacLehose and Sons & New York, The Macmillan Company.
- Edmundson, G. 1903. The Dutch on the Amazon and Negro in the seventeenth century. *The English Historical Review* 28 (72): 642-663, London.
- Gonçalves Dias, A. 1851. *Ultimos cantos. Poesias*. Rio de Janeiro, Typographia de F. de Paula Brito.
- Gonçalves Dias, A. 1909. *Obras posthumas de A. Gonçalves Dias. O Brazil e a Oceania*. Paris, H. Garnier, Livreiro-Editor.
- Holanda, S. B. de. 1967. Os projetos de colonização e comércio toscanos no Brasil ao tempo do Grão-Duque Fernando I (1587-1609), pp. 147-170, in Paula, E. S. de, *Colonização e migração. Trabalhos apresentados ao IV Simpósio dos Professores Universitários de História (Pôrto-Alegre, 3 a 8 de setembro de 1967)*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo.
- Holanda, S. B. de. 2000. Os projetos de colonização e comércio toscanos no Brasil ao tempo do Grão Duque Fernando I (1587-1609). *Revista de História* 96: 95-122, São Paulo.
- Laet, J. de. 1633. *Novus Orbis seu descriptionis Indiae occidentalis libri xviii. Authore Ioanne de Laet antverp. Novis tabulis geographicis et variis animantium, plantarum frctuumque iconibus illustravit*. Lugdunum Batavorum [= Leiden], Elzevirios,.
- Leader, J. T. 1895. *Life of Sr Robert Dudley, Earl of Warwick and Duke of Northumberland. Illustrated with letters and documents from original sources, collected by the author, and hitherto inedited*. Florence, G. Barbèra.
- Lee, S. L. 1888. Davies, William (fl. 1598-1614), p. 161, in STEPHEN, L., ed., *Dictionary of National Biography. Vol. XIV. Damon-D'Eyncourt*. New York, Macmillan and Co. & London, Smith, Elder, & Co.
- Léry, J. de. 1578. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil, avtrement dite Amerique. Contenant la nauigation, & choses remarquables, veuës sur mer par l'auteur. Le comportement de Villegagnon, en ce país là. Les meurs & façons de viure estranges des Sauuages Ameriquains: avec un colloque de leur language. Ensemble la description de plusieurs Animaux, Arbres, Herbes, & autres choses singulieres, & du tout inconnues par deça, dont on verra les sommaires des chapitres au commencement du liure. Non encores mis en lumiere, pour les causes contenues*

en la preface. Le tout recueillis sur les lieux par Iean de Léry natif de la Margelle, terre de saint Sené au Duché de Bourgogne. La Rochelle, Antoyne Chuppin.

- Léry, J. de. 1594. *Historia navigationis in Brasiliam quae et America dicitur. Qua describitur auctoris nauigatio, quaeque in mare vidit memoriae prodenda: Villegagnonis in America gesta: Brasiliensium victus & mores, à nostris admodum alieni. Cum eorum linguae dialogo: animalia etiam, arbores, atque herbae, reliquaque singularia & nobis penitus incognita. A Johanne Lerio bvrmynd gallicè scripta. Nunc verò primùm latinitate donata, & varijs figuris illustrata. Secvnda editio.* Genevae, Apud haeredes Eustathij Vignon.
- Léry, J. de. 1980. *Viagem à terra do Brasil. Tradução e notas Sérgio Milliet. Bibliografia Paul Gaffarel. Colóquio na língua brasílica e notas tupinológicas Plínio Ayrosa.* Belo Horizonte, Editora Itatiaia Limitada & Editora da Universidade de São Paulo.
- Léry, J. de. 2009. *História de uma viagem feita à Terra do Brasil, também chamada América. Apresentação da coleção Fundação Darcy Ribeiro. Introdução geral Carlos de Araujo Moreira Neto. Introdução do volume Carlos de Araujo Monteiro Neto. Contribuição lingüística, restauração dos vocábulos em língua Tupi e tradução do Capítulo XX Aryon Dall'Igna Rodrigues. Tradução Maria Ignez Duque Estrada. Revisão da tradução Gisele Jacon.* Rio de Janeiro, Fundação Darcy Ribeiro.
- Neri, A., 2000. *Uno schiavo inglese nella Livorno dei Medici.* Pisa, Edizioni ETS.
- Papavero, N., D. M. Teixeira, W. L. Overal & J. R. Pujol-Luz. 2002. *O novo Éden. A fauna da Amazônia brasileira nos relatos de viajantes e cronistas desde a descoberta do rio Amazonas por Pinzón (1500) até o Tratado de Santo Ildefonso (1777), com transcrição dos principais textos. 2ª edição, revista e ampliada.* Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi.
- Payne, J. T. & H. Foss. 1842. *Bibliotheca Grenvilliana; or Biographical notices of rare and curious books, forming part of the library of the Right Hon. Thomas Grenville. Vol. I.* London, William Nicol.
- Penard, T. E. 1928. Remarks on an old vocabulary from Trinidad. *Nieuwe West-Indische Gids/ New West Indian Guide* 9: 265-270, Leiden.
- Porro, A. 1993. *As crônicas do rio Amazonas. Tradução, introdução e notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia.* Petrópolis, RJ, Editora Vozes.
- Purchas, S. 1906a. A description and discovery of the River of Amazons, by William Davies Barber Surgeon of London, pp. 423-416, in seu *Hakluytus posthumus or Purchas his Pilgrimes containing a history of the world in sea voyages and lande travels by Englishmen and others. Volume XVI.* Glasgow, James MacLehose and Sons.
- Purchas, S. 1906b. The relation of Master John Wilson of Wansted in Essex, one of the last ten that returned into England from Wiapoco in Guiana 1606, pp. 338-351, in seu *Hakluytus posthumus or Purchas his Pilgrimes containing a history of the world in sea voyages and lande travels by Englishmen and others. Volume XVI.* Glasgow, James MacLehose and Sons.

- Raleigh, W. 1596. *The discoverie of the large, rich and bewtifvl Empyre of Gviana, with a relation of the great and Golden Citie of Manoa (which the Spanyards call El Dorado) and of the Prouinces of Emeria, Arromaia, Amapaia, and other Countries, with their riuers, adioyning. Performed in the yeare 1595. by Sir W. Raleigh Knight, Captaine of her Majesties Guard, Lo. Warden of the Scanneries, and her Highnesse Lieutenant general of the Countie of Cornewall.* London, Robert Robinson.
- Ridolfi, R. 1962. Pensieri medicei di colonizzare il Brasile. *Il Veltro, Rivista della Civiltà Italiana* 6 : 1-18, Roma.
- Rodrigues, A. D., 2009. Capítulo XX. Colóquio entre as gentes do país, pp. 245-268, in LÉRY, 2009, q. v.
- Role, R.. 2003. Sir Robert Dudley Duke of Northumberland. *History Today* 53 (3): 31-37, London.
- Sanfilippo, M., 2008. *Gli Italiani in Brasile*. Viterbo, Edizioni Sette Città.
- Schomburgk, R. H., ed. 1848. *The discovery of the large, and beautiful Empire of Guiana, with a relation of the great and golden city of Manoa (which the Spaniards call El Dorado), etc. Performed in the year 1595, by Sir W. Raleigh, Knt., Captain of Her Majesty's Guard, Lord Warden of the Stannaries, and Her Highness's Lieutenant-General of the County of Cornwall. Reprinted from the edition of 1596, with some unpublished documents relative to that country. Edited, with copious explanation notes and a biographical memoir; by Sir Robert H. Schomburgk, Ph. D., Knight of the Royal Prussian Order of the Red Eagle, of the Royal Saxon Order of Merit, of the French Order of the Legion of Honours, etc.* London, Hakluyt Society.
- Silva, A. P. da. 2011. *Narradores Tupinambá e etnosaberes nas crônicas francesas do Rio de Janeiro (1555-1578) e do Maranhão (1612-15)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Linha de Pesquisa Memória e Patrimônio, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.
- Smedley, E., H. J. Rose & H. J. Rose. 1845. *Encyclopaedia metropolitana; or, Universal dictionary of knowledge, on an original plan: Comprising the twofold advantage of a philosophical and an alphabetical arrangement, with appropriate engravings. Volume XIX. [Miscellaneous and lexicographical, Vol. 6]*. Cambridge, R. Fellows; F. and J. Rivington; Duncan and Malcolm; Suttaby and Co., E. Hodgson; J. Dowding; G. Lawford; J. M. Richardson; J. Bohn; T. Allman; J. Bain; S. Hodgson; F. C. Westley; L. A. Lewis; T.Hodges; and H. Washbourne, London; J. H. Parker and T. Laycock, Oxford; J. and J. J. Deighton. [P. 445: William Davies, no artigo *Galleys*].
- Vaughan, T. 1858. *The Italian biography of Sir Robert Dudley, Knt. Known in Florentine History as il Duca di Nortombria, under the diploma of Ferdinand II. Emperor of Germany, dated March 9, 1620. To which are added, some biographical notices of Dame Alice Dudley his wife, created Duchess Dudley by Charles I, May 23, 1645. As also of their four daughters Alicia Douglassa, Frances, Anne, and Catharine.* Oxford, Baxter.

- Villani, S. 2003. Una piccolo epitome di Inghilterra. La comunità inglese di Livorno negli anni di Ferdinando II: Questioni religiose e politiche. Firenze, *Cromohs* [Cyber Review of Modern Historiography] 8: 1-23.
- Wadsworth, J. 1630. *The English Spanish Pilgrime: Or a New Discovery of Spanish Popery and Jesuitic stratagems*. London.
- Warner, G. F., ed. 1899. *The voyage of Robert Dudley, afterwards styled Earl of Warwick and Leicester and Duke of Northumberland, to the West Indies, 1594-1595, narrated by Capt. Wyatt, by himself, and by Abram Kendall, Master*. London, Hakluyt Society.
- Wilson, D. 1981. *Sweet Robin: A Biography of Robert Dudley Earl of Leicester, 1533-1538*. London, Hamish Hamilton.
- Zeron, C. A. de M. R. & C. Z. Camenietzki. 1967. Nas sendas de Sérgio Buarque de Holanda. Documentos sobre uma expedição florentina à Amazônia, em 1608. *Revista de História* 71: 61-84, São Paulo.

Data recebimento: 10/01/2015

Data aceite: 10/04/2015